



FUNDAÇÃO NACIONAL DO  
LIVRO INFANTIL E JUVENIL

Seção Brasileira do International  
Board on Books for Young People

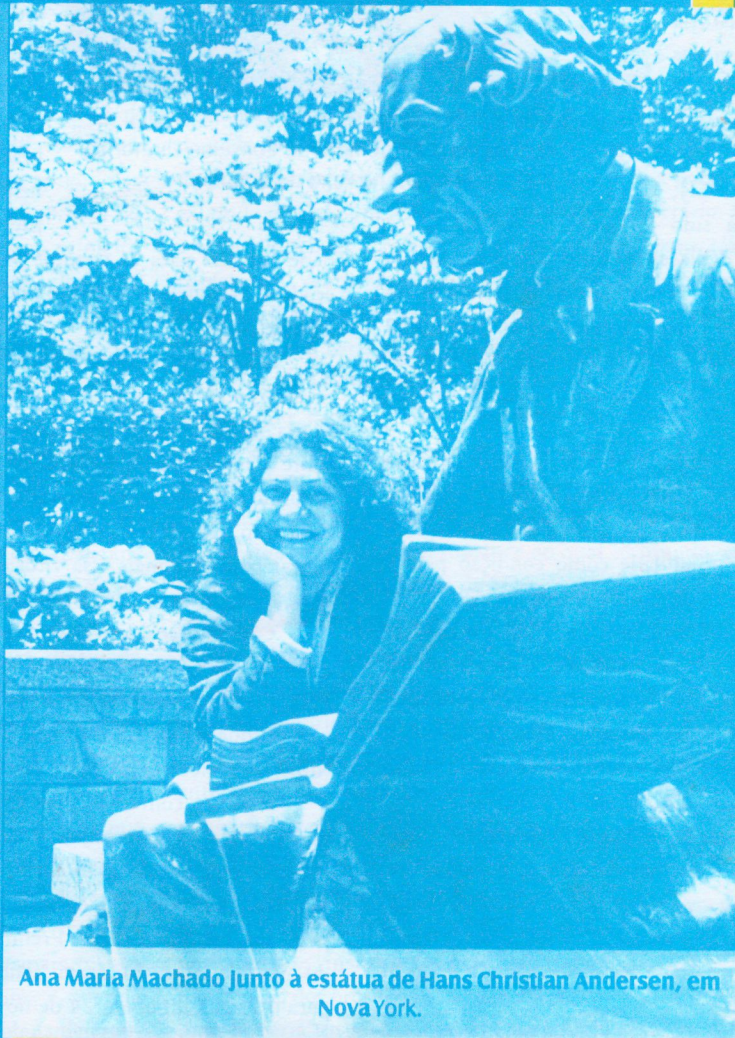
IBBY

*Notícias 6*  
Caderno Especial

Junho de 2000

Prêmio Hans Christian Andersen 2000  
International Board on Books for Young People / IBBY

Escritora Vencedora: Ana Maria Machado – Brasil  
Indicada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)  
Seção brasileira do IBBY



Ana Maria Machado junto à estátua de Hans Christian Andersen, em  
Nova York.

Eu escrevo porque gosto da língua portuguesa, porque gosto de histórias e conversas, gosto de pessoas com diferentes opiniões, gosto de outras vidas, de outras idéias, outras emoções. Eu gosto de pensar e imaginar. E em todo esse processo, a leitura é fundamental.

*Ana Maria Machado*

# COM 32 ANOS, A FNLIJ COMEMORA O SEGUNDO PRÊMIO HANS CHRISTIAN ANDERSEN

Elizabeth D'Angelo Serra – Secretária-geral da FNLIJ

São poucas as instituições privadas, no País, no âmbito da cultura e educação, que podem se orgulhar de estar contribuindo, há mais de três décadas, para um trabalho pioneiro de formação da cidadania crítica, sobrevivendo com poucos recursos, mas com muito idealismo.

A FNLIJ completou, em 23 de maio deste 2000, trinta e dois anos, olhando para o futuro com o orgulho de ter construído uma bela história de ações permanentes e inúmeros projetos motivados por um ideal: promover um mundo melhor por meio da leitura.

Embora a criação da FNLIJ, como seção do IBBY, tenha sido sugerida por Carmem Bravo Villasante, especialista espanhola em literatura infantil e juvenil, o germe da FNLIJ já existia em solo brasileiro, desde o início do século. Lobato, ao criar sua obra para crianças, sabia do potencial revolucionário da leitura e do livro para transformar a sociedade brasileira visando ao seu alcance nacional.

Maria Luiza Barbosa de Oliveira, Ruth Villela Alves de Souza e Laura Sandroni ao criarem, em 1968 a FNLIJ, foram movidas, certamente, pelo mesmo sentimento de justiça e esperança de Lobato: a leitura de livros de qualidade como condição para a formação ética, estética e política de nossos jovens.

Durante muito tempo e, infelizmente, ainda hoje, as oportunidades da leitura e da escrita não são oferecidas e desenvolvidas para a maioria da população, em suas várias formas e possibilidades. Entre os inúmeros projetos e ações desenvolvidos pela FNLIJ, foram criados novos prêmios nacionais valorizando e dando visibilidade à literatura infantil e juvenil no Brasil e no exterior.

Em 1982, eis que a indicação de Lygia Bojunga, feita pela FNLIJ, para o Prêmio Hans Christian Andersen, é vencedora. Exemplares de *Os colegas*, *A bolsa amarela*, *A casa da madrinha*, *Corda bamba* e *O sofá estampado* se multiplicaram em vários países, arrebatando novos leitores. O Brasil passou a ser conhecido por crianças estrangeiras através dos livros.

O reconhecimento internacional de Lygia trouxe orgulho e confiança à FNLIJ, aos artistas, editores e educadores, fazendo-nos desejar mais. O trabalho institucional cresceu, consolidou sua credibilidade, assim como o número de escritores e ilustradores que buscam a qualidade.

Depois do Prêmio de Lygia, a FNLIJ continuou indicando, a cada dois anos, como já vinha fazendo desde 1969, escritores e ilustradores brasileiros para o Prêmio HCA por considerar que a



A premiada autora, Elizabeth Serra, Secretária-geral da FNLIJ, e Marcos Pereira, membro do Conselho Diretor da FNLIJ, brindam na Feira de Bolonha.

nossa literatura é digna de estar presente nos espaços internacionais.

Em 1999, foram indicadas pela FNLIJ, para o Prêmio 2000, Marilda Castanha, como ilustradora e pela segunda vez, Ana Maria Machado, como escritora. Em Cartagena, Colômbia, em setembro próximo, no 27º Congresso do IBBY, participaremos da cerimônia de entrega do Prêmio HCA, em solo latino-americano.

Lobato, se estivesse entre nós, certamente estaria orgulhoso dos leitores/escritores que ajudou a formar com sua obra. Como diz Ana, nós brasileiros temos algo precioso que nenhum país teve. Alguém que se preocupou em construir uma identi-

dade cultural para as crianças valorizando os saberes, popular e erudito, nacionais e, ao mesmo tempo, abrindo para elas as janelas do mundo.

O espantoso é que mesmo com esses resultados, a mídia não prestigia a literatura infantil e juvenil. O Prêmio Andersen de Ana Maria Machado não tem recebido o espaço que merece. O noticiário sobre a cerimônia de entrega do Jabuti, na Bial de São Paulo, ignorou a homenagem prestada à autora, feita pelo Ministro da Educação, durante o evento. Apesar disso, queremos alardear e cantar bem alto mais essa vitória, chamando a atenção de todos para a importância de o Brasil receber o segundo Prêmio HCA.

Comemorar o aniversário da FNLIJ, portanto, é comemorar a vitória dos artistas brasileiros. Assim, neste aniversário/2000 da FNLIJ o nosso presente é o Prêmio de Ana. Presente que recebemos porque acreditamos na sua vitória, insistindo em sua candidatura e que oferecemos neste *Notícias* aos seus leitores e amigos.

Para isto, contamos com o apoio da Price Waterhouse Coopers, que publica há cinco anos o nosso informativo mensal. Neste caderno especial do *Notícias* 6, em homenagem à Ana Maria Machado, reproduzimos o dossiê preparado pela FNLIJ, em 1999, para sua candidatura ao Prêmio HCA. Acrescentamos o belo discurso de Laura Sandroni, saudando-a, quando de sua entrada para o PEN Clube, em 24 de novembro de 1999.

À Ana nosso muito obrigada pela dedicação, seriedade, profissionalismo e amor com que se entregou à tarefa de encantar e fazer pensar as nossas crianças e jovens sobre a vida, suas belezas e contradições, por meio dessa arte, aparentemente simples, mas laboriosa e bela que é escrever.

Parabéns Ana.

Parabéns FNLIJ e colaboradores.

Ao indicar Ana Maria Machado ao Prêmio Hans Christian Andersen 2000, a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, Seção Brasileira do IBBY – apresenta um nome de peso na literatura brasileira para crianças e jovens. Seu trabalho abrange desde livros para crianças pequenas até novelas para jovens, sendo uma autora muito influente para crianças e jovens no Brasil.

Ana Maria Machado começou a publicar em 1969, na revista *Recreio*. Neste ano de 1999, o país celebra seus 30 anos como autora não somente através de seminários, de uma grande cobertura pelos jornais e programas de televisão, mas também com uma exposição especial sobre seu trabalho e sua vida num dos locais mais importantes da cultura, no Rio de Janeiro.

Por todo o país, de Caxias do Sul, no sul, a Fortaleza, no norte do país, crianças de várias escolas em pequenas cidades do interior estão organizando homenagens a Ana Maria Machado neste ano.

Com a indicação de Ana Maria Machado ao Prêmio Hans Christian Andersen, a FNLIJ une-se, com entusiasmo, a todos os seus leitores nesta comemoração. Ana Maria não é somente uma autora versátil e com grande produção para crianças e adultos. O alto nível de sua escrita e a grande qualidade de seus livros deram a ela a fidelidade de seus leitores, traduzida pelas milhares de cópias vendidas. Recebeu também o reconhecimento dos especialistas e críticos, que pode ser visto pelo número significativo de prêmios recebidos. Entre eles, está o prestigiado *Prêmio Casa de las Américas* de Cuba, que ganhou com um livro infantil competindo com ensaios, livros de poesia e ficção para adultos. Ana Maria é também a única autora premiada ao mesmo tempo por Cuba e pelos Estados Unidos, onde seu único livro traduzido para o inglês (*Niña Bonita*) recebeu uma Menção de Honra do *Prêmio das Américas*. Em toda a América Latina, onde grande parte de seus livros são traduzidos e lidos, Ana Maria é vista como uma autora de alto nível.

Uma outra evidência da alta qualidade literária dos livros de Ana Maria Machado pode ser vista pelo interesse que o mundo acadêmico mostra por seu trabalho, objeto de várias dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas em várias universidades brasileiras. Há até mesmo uma tese defendida na Universidade Livre de Berlim, Alemanha. Proveniente de uma família rural, Ana Maria é muito influenciada pela cultura

brasileira. Por sua vez, tendo estudado e viajado muito, é uma artista com grande formação intelectual e bem sucedida ao trazer questões complexas para as crianças.

Em todo o seu trabalho, Ana Maria Machado traz assuntos diferentes para os seus leitores. Especialmente assuntos éticos. Discute os valores da desobediência às ordens autoritárias, questiona a legitimidade do poder, enfoca o meio-ambiente, diferenças sociais e preconceitos, sexo, mudanças nos modelos familiares, ansiedade, medos, crescimento, multiculturalismo. Mas nunca em termos abstratos – sempre construídos em situações bem concretas e sensíveis (muitas vezes divertidas), vividas por personagens inesquecíveis. Mas o que realmente distingue Ana Maria Machado é sua maestria no uso da linguagem. Seus textos são construídos com imagens claras, fala coloquial, toques poéticos e engraçados, ritmo musical, rimas internas, versos...

Seus livros mostram um profundo conhecimento da arte literária e ao mesmo tempo devem parte de seu charme à maestria da tradição oral de contar histórias. Posicionam-se contra todas as formas de autoritarismo ou poder arbitrário, mas acreditam na sabedoria dos mais velhos. Lidam com aspectos concretos da realidade social e histórica, mas nunca se esquecem da magia da imaginação infantil onde poesia, humor, emoção e *non-sense* estão sempre presentes. Acima de tudo, seus textos são tecidos num estilo muito pessoal, facilmente reconhecidos, totalmente novos e carregados de diferentes significados, permitindo novas descobertas a cada leitura. Seus livros atravessam facilmente a fronteira entre a infância e a idade adulta, encantando leitores de todas as idades – esta talvez seja uma de suas principais qualidades.

Estamos totalmente convencidos que Ana Maria Machado é uma autora fascinante para jovens. Estamos certos de que se não estivesse escrevendo em português, e num país que não tem influência nos principais mercados, ela já teria sido reconhecida como um clássico da atualidade que é, e merece ser considerada. Ao indicá-la para o Prêmio Hans Christian Andersen, esperamos que os leitores de todo o mundo tenham a oportunidade de conhecer o trabalho de uma autora que apesar de escrever numa língua por muitos ignorada, e morando num país sub-desenvolvido do Hemisfério Sul, com certeza tem muito a dizer às crianças de todo o mundo. ■



A mais velha de nove irmãos, Ana Maria Machado nasceu no Rio de Janeiro em dezembro de 1941. Apesar de ter sido criada na grande metrópole tropical, toda a sua cultura urbana foi muito influenciada pela herança do interior. Quando era pequena, costumava passar três meses, a cada ano, numa cidadezinha de pescadores, com seus avós, perto da natureza e da cultura tradicional. Um lugar sem eletricidade, onde todas as noites as pessoas se reuniam para contar e escutar histórias. Ana Maria também viajou muito por todo o mundo. Morou na Argentina, quando criança. Mais tarde, estudou nos Estados Unidos, na França e na Itália e trabalhou por alguns anos na Inglaterra.

Inicialmente como pintora, estudou no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no MOMA de Nova York, tendo participado de várias exposições. Depois de formar-se em Línguas Românicas, estudou com Roland Barthes, tendo recebido seu Doutorado na École Pratique des Hautes Études em Paris, onde também deu aulas de português na Sorbonne. Deu aulas de Teoria da Literatura e Literatura Brasileira na Universidade do Rio de Janeiro.

Como jornalista, Ana Maria escreveu artigos para a revista "Elle" em Paris, para a BBC em

Londres, assim como para o *Jornal do Brasil*, onde teve, durante cinco anos, uma coluna semanal sobre livros para crianças. Foi também a editora de notícias da Rádio Jornal do Brasil por sete anos.

Ana Maria começou a escrever em 1969 e publicou 105 títulos para crianças e adultos. Já vendeu mais de seis milhões de exemplares. Seus livros para crianças foram publicados em 16 países e receberam todos os principais prêmios no Brasil, assim como alguns prêmios no exterior - incluindo o prestigioso *Prêmio Casa de Las Americas*, Menção Honrosa do *Americas Award* nos Estados Unidos e o *Prêmio APPLE* na Suíça, o *Prêmio Cocori* na Costa Rica, além de outros na Venezuela, Colômbia e Argentina. Em 1979, abriu a livraria para crianças *Malasartes*, onde trabalhou durante 17 anos.

É membro do PEN Club e Fellow no Seminário de Literatura de Cambridge, Inglaterra. Em 1997, Ana Maria Machado foi "Distinguished Writer in Residence", na Universidade da Califórnia em Berkeley, onde também foi Professora Adjunta em Literatura Brasileira durante o primeiro semestre de 1999.

Nos últimos quinze anos tem tido uma atividade intensa na promoção da leitura tanto no Brasil como no exterior. Profundamente enraizada na cultura popular brasileira, Ana Maria recria temas da tradição oral com um toque muito pessoal. Também traz assuntos diferentes ao jovem leitor, discutindo as regras de autoritarismo, meio-ambiente, diferenças sociais e preconceitos, sexo, ansiedade e medo. Muitos de seus livros têm protagonistas mulheres e lidam com questões tratadas do ponto de vista da mulher.

Ana Maria Machado destaca-se pelo total domínio da linguagem: seus textos são construídos com imagens claras, fala coloquial, com elementos de humor e poesia. Seus livros mostram um profundo conhecimento de arte literária e, ao mesmo tempo, devem uma parte de seu encanto à maestria da tradição oral de contar histórias.

# LIVROS PUBLICADOS PARA CRIANÇAS E JOVENS PELA AUTORA

## A – LEITORES INICIANTES

### COLEÇÃO MICO MANEÇO (1983-88),

#### SALAMANDRA:

- Cabe na mala
- Mico Maneco
- Tatu bobo
- Menino Poti
- Uma gota de mágica
- Pena de pato e de tico-tico
- Fome danada
- Boladas e amigos
- O tesouro da raposa
- O barraco do carrapato
- O rato roeu a roupa
- Uma arara e sete papagaios
- A zabumba do quati
- Banho sem chuva
- O palhaço espalhafato
- No imenso mar azul
- Um dragão no piquenique
- Troca troca
- Surpresa na sombra
- Com prazer e alegria

### COLEÇÃO FILHOTES (1987), GLOBO:

- Lugar nenhum
- Brincadeira de sombra
- Eu era um dragão
- Maré alta, maré baixa

## B – PRIMEIRAS HISTÓRIAS

Camilo, o comilão, 1977, Salamandra.

Currupaco Papaco, 1977, Salamandra.

Severino faz chover, 1977, Salamandra.

A grande aventura da Maria Fumaça, 1980, Salamandra.

Balas, bombons, caramelos, 1980, Nova Fronteira.

O elefantinho malcriado, 1980, Nova Fronteira.

Era uma vez, três, 1980, Berlendis & Vertecchia.

O gato do mato e o cachorro do morro, 1980, Ática.

O Natal de Manuel, 1980, Nova Fronteira.

O elfo e a sereia, 1982, Melhoramentos.

Alguns medos e seus segredos, 1984, Nova Fronteira.

Gente, bicho, planta: o mundo me encanta, 1984, Nova Fronteira.

A jararaca, a perereca e a tiririca, 1985, Quinteto.

O pavão do abre-e-fecha, 1985, Melhoramentos.

Quem perde ganha, 1985, Nova Fronteira.

A velhinha maluquete, 1986, Ao Livro Técnico.

Menina bonita do laço de fita, 1986, Melhoramentos.

Gente bem diferente, 1996, Ediouro.

O segredo da oncinha, 1998, Moderna.

Esta casa é minha, 1998, Moderna.

Mas que festa!, 1999, Nova Fronteira.

### COLEÇÃO BARQUINHO DE PAPEL, 1987, ÁTICA:

- A galinha que criava um ratinho
- Besouro e prata
- A arara e o guaraná
- Avental que o vento leva
- Ai quem me dera...
- Maria Sapeba
- Um dia desses

Vira-vira, 1992, Quinteto.

Dedo mindinho, 1993, Ao Livro Técnico.

Um Natal que não termina, 1993, Salamandra.

O gato Massamé e aquilo que ele vê, 1994, Ática.

Uma noite sem igual, 1995, Ediouro.

## C – LIVROS PARA LEITORES COM ALGUMA HABILIDADE DE LEITURA

Bento-que-bento-é-o-frade, 1977, Salamandra.

História meio ao contrário, 1979, Ática.

O menino Pedro e seu boi voador, 1979, Ática.

Palavras, palavrinhas, palavrões, 1981, Quinteto.

Passarinho me contou, 1983, Nova Fronteira.

Praga de unicórnio, 1983, Nova Fronteira.

O menino que espiava pra dentro, 1984, Nova Fronteira.

De fora da arca, 1995, Salamandra.

Beijos mágicos, 1996, FTD

Ponto a ponto, 1998, Berlendis & Vertecchia Editores.

Os anjos pintores, 1998, Berlendis & Vertecchia Editores.

## D – NOVELAS

Raul da ferrugem azul, 1979, Salamandra.

Bem do seu tamanho, 1980, Salamandra.

Do outro lado tem segredos, 1980, Nova Fronteira.

De olho nas penas, 1981, Salamandra.

Bisa Bia, Bisa Bel, 1982, Salamandra.

Era uma vez um tirano, 1982, Salamandra.

Mandingas da Ilha Quilomba (O Mistério da ilha), 1984, Salamandra.

O canto da praça, 1986, Salamandra.

Uma vontade louca, 1990, Nova Fronteira.

Mistérios do Mar Oceano, 1992, Nova Fronteira.

Isso ninguém me tira, 1994, Ática.

Amigos secretos, 1997, Ática.

Tudo ao mesmo tempo agora, 1997, Ática.

Amigo é comigo, 1999, Moderna.

## E – TEATRO

Hoje tem espetáculo, 1983, Nova Fronteira.



O menino Pedro e seu boi voador. Il. de Ivan Zigg, Ática.

Mas que festa! Il. de Graça Lima, Nova Fronteira.



## F – POESIA

*Um avião, uma viola*, 1982, Melhoramentos.  
*Peleja*, 1986, Berlendis & Vertecchia.  
*Fiz voar o meu chapéu*, 1999, Formato.

## G – INFORMATIVOS

*Na praia e no luar, tartaruga quer o mar*, 1992, Ática.  
*Exploration into Latin America* (Belitha Press, London), 1994.

COLEÇÃO ADIVINHE SÓ, 1993, MELHORAMENTOS:

- *O que é?*
- *Manos malucos I e II*
- *Piadinhas infames*

## H – HISTÓRIAS DE FOLCLORE REINVENTADAS OU RECONTADAS DO BRASIL

• *História de jabuti sabido com macaco metido*, 1981, Ática.

## DA FINLÂNDIA

• *Um herói fanfarrão e sua mãe bem valente*, 1994, Ática.

## DA JAMAICA

• *O touro da língua de ouro*, 1995, Ática.

## DO CANADÁ

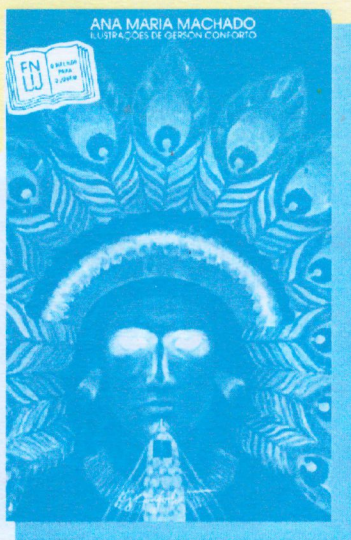
• *Os dois gêmeos*, 1995, Ática.

COLEÇÃO CONTE OUTRA VEZ, 1980-81, SALAMANDRA:

- *O domador de monstros*
- *Uma boa cantoria*
- *Ah, cambaxirra, se eu pudesse...*
- *O barbeiro e o coronel*
- *Pimenta no cocuruto*

## LIVROS PARA ADULTOS

*Recado do nome* – ensaio literário, 1976, Martins Fontes.  
*Alice, Ulisses* – romance, 1983, Nova Fronteira.



*Tropical sol da liberdade* – romance, 1988, Nova Fronteira.

*Canteiros de Saturno* – romance, 1991, Nova Fronteira.

*Aos quatro ventos* – romance, 1993, Nova Fronteira.

*O mar nunca transborda* – romance, 1995, Nova Fronteira.

*Esta força estranha*, 1996, Atual.

*A audácia desta mulher* – romance, 1998 – Nova Fronteira.

*Contracorrente* – ensaios, 1999, Ática.

## LIVROS TRADUZIDOS

### DE OLHO NAS PENAS

• Suécia – *Sorgens gon*, Ed Gidlunds, 1983.  
• Noruega – *Oynene som ser*. Ed Tiden Norsk Forlag.

• Dinamarca – *Ojne pa verden*. Ed AKS/Forlaget Hjulet, 1988

• Cuba – *De olbo nas penas*. Ed Casa de las Americas, 1985.

• Espanha – Ed Espasa-Calpe

### BEM DO SEU TAMANHO

• França – *Une grande petite*. 611e Ed de l'Amitié-Hatier, 1984.

• Espanha – *Del tamanho justo*. Ed Alfaguara, 1985, Madrid.

### BISA BIA, BISA BEL

• Espanha – *Bisa Bea, Bisa Bel*. Ed Noguer, Barcelona, 1984, 2ª ed.

• México – *Bisa Bea, Bisa Bel*. Ed Fondo de Cultura, Mexico, 1998.

• Alemanha – *Bisa Bia, Bisa Bel*. Ed Cecilie Dressler Verlag, 1988.

• Suécia – *Isabel*. Ed. Opal, 1988.

### RAUL DA FERRUGEM AZUL

• Espanha – *Del tamanho justo* (joined with *Bem do seu Tamanho*). Ed. Alfaguara, Madrid, 1985, 2ª ed.

### CAMILO, O COMILÃO

• Espanha – *Camilon Comilón*. Ed. SM, Madrid, 1989, 7ª ed.

### PRAGA DE UNICÓRNIOS

• Espanha – *Un montón de unicornias*. Ed. SM, Madrid, 1989, 2ª ed.  
• Adarbakar mordoa. Ed. SM, 1991, euskadi (Basque language).

### A VELHINHA MALUQUETE

• Espanha – *La abuelita aventurera*. Ed. SM, Madrid, 1992.

### PALAVRAS, PALAVRINHAS, PALAVRÕES

• Argentina – *Palabras palabritas y palabrotas*. Ed. Emecé, Buenos Aires 1987.

### GATO DO MATO, CACHORRO DO MORRO

• Venezuela – *La Rana de la Sabana y el Perro del Cerro*. Ed. Ekaré/Banco del Libro, Caracas, 1986.

### ALGUNS MEDOS E SEUS SEGREDOS / CURRUPACO PAPACO / QUEM PERDE GANHA – (GATHERED TALES)

• Alemanha – *Warum der Meine Delphin Purzelbamne schltg (und andere Gestchichten)*. Ed. Otto Maier Ravensburger, 1992.

### ERA UMA VEZ UM TIRANO

• Alemanha – *Der Regenbogen (Wie der Kinder den Tyrannen vertrieben)*. Ed. Lamuy, 1989.

### O DOMADOR DE MONSTROS

• França – *Le Dompteur de Monstres in revue Bicepbale*, Printemps 1983, n10, Contes pour Enfants Europe Amérique-Latine, 1983.  
• Espanha – *El domador de Monstruos*. Ed. SM, Madrid. 1998.

*De olho nas penas II*. de Gerson Conforto, Salamandra.

*Bisa Bia Bisa Bel*. Il. de Regina Yolanda, Salamandra.



#### GENTE, BICHO, PLANTA, O MUNDO ME ENCANTA

- México – *Gente animal y planta: el mundo me encanta*. Ed. Nova Fronteira, 1992.

#### NA PRAIA E NO LUAR, TARTARUGA QUER O MAR

- Inglaterra – in *Earth Tales* (antologia). Ed. North-South, 1992.

#### PASSARINHO ME CONTOU

- México – *Un pajarito me contó*. Ed. Fondo de Cultura, Mexico, 1992.

#### HISTÓRIA MEIO AO CONTRÁRIO

- México – *Historia medio al revés*. Ed. Fondo de Cultura, Mexico, 1992.

#### O ELFO E A SEREIA

- Portugal – *O Elfo e a Sereia*. Ed. Melhoramentos/Portugal, 1991.

#### O CANTO DA PRAÇA

- Espanha – *El Canto de la Plaza*. Colección Cuatro Vientos, Ed. Noguer y Caralt, Barcelona, 1995.
- Estados Unidos – *The Song of the Plaza*, (last part) included in the anthology *The Wings of Peace*. Clarion Books. Nova York, 1995.

#### MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA

- Venezuela – *Niña Bonita*. Ed. Ekaré, Caracas, 1994.
- Estados Unidos – *Nina Bonita*. Kane / Miller Book Publishers, New York, 1996.
- Suécia – *Sörnos*. Forlaget Hjulet, 1996.
- Dinamarca – *Dejlige pige*. Forlaget Hjulet, 1996.

#### BEIJOS MÁGICOS

- México – *Besos Mágicos*. EnCuento, Ed. CIDCLI, Mexico, 1996.

#### O BOTO E A SEREIA

- Alemanha – *Der Kleine Delphin*, included in the anthology *KinderJahr 6*. Ed. Ravensburger.

#### QUENCO, O PATO

- Alemanha – *Quackel, die Ente*, included in the anthology *KinderJahr 5*. Ed. Ravensburger, 1995.

#### DESCOBERTA DA AMÉRICA LATINA

- Portugal – from the English original. Editorial Estampa, Lisboa, 1995.
- Inglaterra – *Exploration into Latin America*. Belitha Press, London, 1994.
- Dinamarca – *På opdagelse i Latin Amerika*. Forlaget åløkke a/s, 1995.
- Suécia – *Upptäck Latin-Amerika*. Forlaget Hjulet, 1995.
- Espanha – *Exploradores y aventureros en América Latina*, Ed. SM-Saber, Madrid, 1995.
- França – *J'explore l'Amérique Latine*, Bayard Presse/Okapi. Paris, 1997.
- Holanda – *Verkenningreizen in Latijnsamerika*. Ed. Ars Scribendi BV, Harmelen, 1997.

#### UMA VONTADE LOUCA

- Colômbia – *Un deseo loco*, Editorial Norma, Bogota, 19

#### AH, PASSARINHO SE EU PUDESSE...

- Colômbia – *Ah, Pajarita, si yo pudiera...* Ed. Norma. Bogota, 19

#### ISSO NINGUÉM ME TIRA

- Colômbia – *Eso no me lo quita nadie*. Ed. Norma. Bogota, 19

#### JECA, O TATU

- Argentina – *Yeca, el Tatu*. Sudamericana, Buenos Aires. 19...

#### LIVROS EM PROCESSO DE PUBLICAÇÃO OU DE TRADUÇÃO:

- Do outro lado tem segredos* – Espanha, Ed. Espasa-Calpe (Galley-proofs).
- Uma vontade louca* – Spain, Ed. Espasa-Calpe (Galley-proofs).

#### CONTOS PUBLICADOS EM REVISTAS:

##### ARGENTINA – IN “RECREO”. EDITORIAL ABRIL, BUENOS AIRES:

- *Quenco, o pato* – Ha nacido Pipo, el Patito – n 12 (de “Currupaco Papaco”)
- *Tião risonho contra a velha misteriosa* – Fito Risueño contra la Vieja Misteriosa – n 37 (de Severino Faz Chover).
- *Um índio no telhado* – Un Indio en el tejado – n 45 (de “Currupaco Papaco”).
- *Dorotéia, a centopéia* – Los 100 zaparitos de Dorotea – n 53 (de Camillo, o Comilão).
- *Currupaco Papaco* – Idem, n 56 (do livro com o mesmo título).
- *Meu reino por um cavalo* – Mi Reino por un Caballo, n 64 (de Severino Faz Chover).

##### COLOMBIA – IN ESPANTAPÁJAROS, BOGOTÁ, 1994.

- *História de jaboti sabido com macaco meido* – Historia del armadillo sabio y del mico entrometido n 18.

##### ITALIA – IN “CAROSELLO”, ED. APRILE. TORINO, 1974:

- *Camilo, o Comilão* – Camillone, il golosone, n 4 (do livro com o mesmo título).
- *Tião risonho contra a velha misteriosa* – Pierino Bel Sorriso e la vecchietta misteriosa n 12 (from Severino faz chover).



*Menina bonita do laço de fita*. Il. de Claudius, Ática.



*Beijos Mágicos*. Il. de Graça Lima, FTD.

- *Bento-que-bento-é-o-frade*
  - Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), Seção Brasileira do IBBY, 1977.
- *História meio ao contrário*
  - Prêmio João de Barro, Prefeitura de Belo Horizonte, 1977.
  - Prêmio Jabuti, Câmara Brasileira do Livro, 1978.
  - Lista "O melhor do Ano", Fundalectura, Bogotá, 1994.
- *O menino Pedro e seu boi voador*
  - Altamente Recomendável pela FNLIJ, 1980.
  - Lista de Honra do IBBY, 1982.
- *Raul da ferrugem azul*
  - Selo de Ouro para Melhor Livro Infantil, FNLIJ, 1980.
- *Bem do seu tamanho*
  - Prêmio Fernando Chinaglia, União Brasileira de Escritores (UBE), 1979.
  - Altamente Recomendável pela FNLIJ, 1979.
- *Era uma vez, três*
  - APCA Prêmio (Associação Paulista de Críticos de Arte), 1980.
- *De olho nas Penas*
  - Prêmio Casa de las Americas, Categoria: Literatura Brasileira, Havana, Cuba, 1981.
  - Melhor Livro Infantil do Ano, APCA, 1981.
  - Selo de Ouro para Melhor Livro Infantil, FNLIJ, 1981.
- *O gato do mato e o cachorro do morro*
  - Prêmio Melhor do Ano, Biblioteca Nacional da Venezuela, 1981.
- *Bisa Bia, Bisa Bel*
  - Prêmio Crefisul para Texto Original, 1981.
  - Melhor Livro Infantil do Ano, APCA, 1982.
  - Selo de Ouro para Melhor Livro Infantil, FNLIJ 1982.
  - Prêmio Jabuti, CBL, 1983.
- Lista de Honra do IBBY, 1982.
- Prêmio Noroeste de Melhor Livro Infantil, Bienal do Livro de São Paulo, 1984.
- *Um avião e uma viola*
  - Altamente Recomendável, FNLIJ, 1984.
- *Hoje tem espetáculo*
  - Prêmio de Dramaturgia Infantil, Fundação de Teatro Guaira, Paraná, 1979.
- *No barraco do carrapato* (Coleção Mico Maneco)
  - Altamente Recomendável, FNLIJ, 1985.
- *O canto da praça*
  - Altamente Recomendável, FNLIJ, 1986.
  - Melhor livro para Jovem, Bienal do Livro de São Paulo, 1988.
- *Menina bonita do laço de fita*
  - Menção Honrosa, Bienal do Livro de São Paulo, um entre os cinco melhores da Bienal, 1988.
- *De fora da Arca*
  - Prêmio APPLE, Instituto Jean Piaget, Genebra, Suíça.
  - Prêmio Cocori, Menção Honrosa – Ministério de Cultura da Costa Rica, 1993.
  - Menção Especial/Hors Concours – UBE, Prêmio para texto inédito, 1994.
- *Uma vontade louca*
  - Altamente Recomendável, FNLIJ, 1990.
- *Na praia e no luar, tartaruga quer o mar*
  - Altamente Recomendável categoria informativo, FNLIJ, 1992.
- *Mistérios do Mar Oceano*
  - Altamente Recomendável para jovem, FNLIJ, 1992.
- *Aos quatro ventos* (romance)
  - Prêmio Otávio de Faria / Melhor Romance do ano, UBE, 1994.
  - Finalista do Prêmio Jabuti, CBL, 1994.



# PREMIADOS

- Prêmio Adolfo Aizen/ Literatura para criança, UBE, 1994.
  - *Um herói fanfarrão e sua mãe bem valente*
    - Altamente Recomendável para a criança, FNLIJ, 1994.
  - *Isso ninguém me tira.*
    - Altamente Recomendável para o jovem, FNLIJ, 1994.
  - *Camilo, Comilão*
    - Altamente Recomendável, Fundalectura – Bogotá, Colômbia, 1996.
  - *Amigos Secretos*
    - Altamente Recomendável para o jovem, FNLIJ, 1997.
  - *Democracia: cinco princípios e um fim*
    - Altamente Recomendável Não-ficção, FNLIJ, 1997.
  - *Buenas palabras, malas palabras*
    - Prêmio ALIJA – Buenos Aires – Argentina – 1999.
  - *Fiz voar o meu chapéu*
    - Melhor livro para a criança, FNLIJ, 1999.
    - Prêmio Jabuti, CBL, 2000.
  - *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*
    - Melhor livro teórico, FNLIJ, 1999.
- PRÊMIO TRADUÇÃO**
- 
- *Maia*
    - Lista de Honra do IBBY, 1982.
  - *Peter Pan*
    - Altamente Recomendável tradução-criança, FNLIJ, 1992.
    - Lista de Honra do IBBY, 1994.
  - *Linéia no jardim de Monet*
    - Altamente Recomendável tradução-criança, FNLIJ, 1992.
  - *O jardim secreto*
    - Altamente Recomendável tradução-criança, FNLIJ, 1993.
  - *Série Mitos e Lendas*
    - Altamente Recomendável tradução-criança, FNLIJ, 1993.
  - *Que sexta-feira mais pirada!*
    - Altamente Recomendável tradução-criança, FNLIJ, 1994.
  - *Uma história de Natal*
    - Altamente Recomendável tradução-criança, FNLIJ, 1995.
  - *Alice no país das maravilhas*
    - Altamente Recomendável tradução-jovem, FNLIJ, 1997.
  - *Dois vidas, dois destinos*
    - Melhor tradução-jovem, FNLIJ, 1998.
  - *Outroso: um outro mundo*
    - Melhor tradução jovem, FNLIJ, 1999.
  - *Belo trabalho, lobinbo*
    - Altamente Recomendável tradução-criança, FNLIJ, 1999.
  - *Cuidado com o menino*
    - Altamente Recomendável tradução-criança, FNLIJ, 1999.
  - *A maldição da coruja*
    - Altamente Recomendável tradução-jovem, FNLIJ, 1999.
  - *O mestre das marionetes*
    - Altamente Recomendável tradução-jovem, FNLIJ, 1999.



Ana Maria Machado junto à estátua de Hans Christian Andersen.

# Teses sobre a obra de Ana Maria Machado

- Cruz, Cassandra Guimarães Medeiros - *Dúzias de sorrisos, dezenas de risadas, centenas de gargalhadas: o riso na obra de Ana Maria Machado*. Tese de Mestrado apresentada na Universidade Federal Fluminense, Instituto de Língua e Literatura, 1991.
- Dalcastagne, Regina. *O espaço da Dor: o regime de 64 na produção romanesca brasileira*. Tese de Mestrado apresentada na Universidade Federal de Brasília.
- Pereira, Maria Teresa Gonçalves. *Recursos linguísticos expressivos da obra infanto-juvenil de Ana Maria Machado*. Dissertação de Doutorado em Línguas, apresentada na Coordenação de Línguas e Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
- Quintana, Suely da Fonseca. *Trança de gente: Ana Maria Machado na curva do arco-íris*. Tese de Mestrado apresentada na Coordenação de Línguas e Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1989.
- Silva, Vera Maria Tietzmann. *Bisa Bia, Bisa Bel: Uma narrativa em profundidade*. Tese de Mestrado apresentada na Universidade Federal de Goiás, 1990.
- Neumann, Bettina. *Brasilianische Kinderliteratur: Lygia Bojunga Nunes und Ana Maria Machado (Literatura infantil brasileira: Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado)*. Tese apresentada na Universidade Livre de Berlim (Neuere Premsprachliche Philologien), Alemanha, 1994.

## Autores premiados com o Hans Christian Andersen

### ESCRITORES – 1956/2000

- 1956 – Eleanor Farjeon – Reino Unido
- 1958 – Astrid Lindgren – Suécia
- 1960 – Erich Kästner – Alemanha
- 1962 – Meindert DeJong – E.U.A.
- 1964 – René Guillot – França
- 1966 – Tove Jansson – Finlândia
- 1968 – James Krüss – Alemanha  
– José Maria Sanchez-Silva – Espanha
- 1970 – Gianni Rodari – Itália
- 1972 – Scott O'Dell – E.U.A.
- 1974 – Maria Gripe – Suécia
- 1976 – Cecil Bodker – Dinamarca
- 1978 – Paula Fox – E.U.A.
- 1980 – Bohumil Riha – Tchécoslováquia
- 1982 – Lygia Bojunga Nunes – Brasil
- 1984 – Christine Nöstlinger – Áustria
- 1986 – Patrícia Wrightson – Austrália
- 1988 – Annie M. G. Schmidt – Holanda
- 1990 – Tormod Haugen – Noruega
- 1992 – Virginia Hamilton – E.U.A.
- 1994 – Michio Mado – Japão

- 1996 – Uri Orlev – Israel
- 1998 – Katherine Paterson – E.U.A.
- 2000 – Ana Maria Machado – Brasil

### ILUSTRADORES – 1966/2000

- 1966 – Alois Carigiet – Suíça
- 1968 – Jirí Trnka – Tchécoslováquia
- 1970 – Maurice Sendak – E.U.A.
- 1972 – Ib Spang Olsen – Dinamarca
- 1974 – Farshid Mesghali – Irã
- 1976 – Tatjana Mawrina – União Soviética
- 1978 – Svend Otto S. – Dinamarca
- 1980 – Suekich Akaba – Japão
- 1982 – Zbigniew Rychlicki – Polônia
- 1984 – Mitsumasa Anno – Japão
- 1986 – Robert Ingpen – Austrália
- 1988 – Dusan Kállay – Tchécoslováquia
- 1990 – Lisbeth Zwerger – Áustria
- 1992 – Kveta Pacovská – República Tcheca
- 1994 – Jörg Müller – Suíça
- 1996 – Klaus Ensikat – Alemanha
- 1998 – Tomi Ungerer – França
- 2000 – Anthony Browne – Reino Unido

# ANA MARIA MACHADO: A ARTE DE NARRAR PARA QUALQUER IDADE

Marcia de Almeida

Enquanto a ditadura militar (1964/1985) recrudescia no final dos anos sessenta e durante toda a década seguinte, surgiam três fatores importantes na literatura brasileira, apesar da censura funcionar à época com a mão-de-ferro característica dos regimes totalitários. Houve o surgimento de uma poesia muito mais dinâmica e renovadora, que se disseminava por baixo e por cima dos panos sob as mais diversas formas, o surgimento do conto como forte forma de expressão literária, e a renovação (quem sabe até o renascimento) vertiginosa e radical da literatura infanto-juvenil. Isso permitiu que depois de muitos anos, tendo como referencial básico e único da literatura infantil brasileira o escritor (José Bento) Monteiro Lobato há quase trinta anos, o panorama geral da produção de livros para crianças no país chame atenção pela quantidade, qualidade e variedade de autores.

Em meio a essa profusão há que se destacar, dentre os narradores de primeira linha na nossa literatura infanto-juvenil, o trabalho de dois que se sobressaem pela construção de uma obra literária que segue uma proposta eminentemente estética, como se tivessem formulado um projeto literário e o seguissem à risca – Lygia Bojunga Nunes e Ana Maria Machado.

O trabalho delas, sem perder de vista o pequeno leitor, parte da linguagem, do conceber a história como uma exploração das potencialidades do idioma e uma desconstrução/reconstrução das estruturas ficcionais que fazem parte da nossa herança cultural.

Mesmo assim, criou-se um quase axioma, no qual está definido que ao se falar da literatura infanto-juvenil brasileira contemporânea deve-se remarcar influências e rastros indeléveis de Monteiro Lobato, carimbando indiscriminadamente todos os autores dessa categoria como *filhos de Lobato*, o que – como ocorre com as generalizações – nem sempre é verdade.

Entre as duas autoras aqui citadas, Lygia Bojunga não podia estar mais longe da vertente mágica adotada pelo escritor paulista.

Ana Maria Machado – assim como

Ruth Rocha, é preciso não esquecer – é sem dúvida profundamente marcada por ele (especialmente na influência de uma linguagem oralizante e brasileira, na paixão pelas grandes causas étnicas e humanísticas, na naturalidade do trânsito entre o real e o imaginário, no ludismo irreverente).

Mas o trabalho da autora aprofunda e transcende de tal forma o universo lobatiano, que reduzi-la apenas a uma de *suas filhas* é das maiores injustiças que se comete.

Outros autores de primeiríssimo escalão, em nada inferiores às narradoras aqui abordadas, trazem no seu processo criativo outros vínculos primordiais que não a literatura.

É o caso de Ziraldo, que expressa a sua genialidade no desenho, no humor e nas artes gráficas e é neles que busca a sua força. Ou Sylvia Orthoff, recentemente falecida, cujo texto era fruto direto da sua experiência teatral, e que se raramente propunha nele questões de linguagem ou literatura, trazia permanentemente em seu bojo a tradição brasileira do teatro farsesco e da chanchada, sendo divulgadora e disseminadora do histrionismo característico de parte da nossa cultura.

Ou de Ruth Rocha – cuja permanente clareza de um texto livre de polissemias ou ambigüidades constitui o veículo ideal para a lógica irresistível de uma grande educadora e o apurado humor crítico de uma pensadora independente – também ela, sempre trazendo à baila temas importantes na formação dos pequenos, como direitos individuais, autoritarismo, medo, racismo, etc. Mas na sua obra a idéia vem antes da linguagem, transfiguradora da emoção a serviço de uma história – e isso é o que a distancia dessa área onde transitam tão naturalmente Lygia e Ana Maria.

O surgimento de uma nova literatura infanto-juvenil no momento em que a repressão militar assumia seu perfil mais atroz e violento, significou, sem dúvida, uma forma de resistência, apresentando para as mais variadas idades temas e questionamentos sobre fatos relacionados com a individualidade e o coletivo, com o reconhecer os direitos individuais e reivindicá-los, até o

ensinamento de valores morais e éticos importantes, tais como lealdade, a integração racial e social, o espaço do outro, a necessidade do diálogo, etc. Exatamente a antítese do mundo que se apresentava lá fora.

Através do seu instrumento de trabalho, muitos dos autores que foram surgindo àquela época semearam questões importantes na formação dos pequenos leitores, se contrapondo à rigidez e ao silêncio espesso que se precisava burlar cotidianamente para exprimir qualquer pensamento.

E dentro dessa leitura, Ana Maria Machado e Ruth Rocha são pioneiras e caminham juntas, diferenciando-se apenas, como já vimos acima, no embrião das suas respectivas propostas literárias.

Além de toda a magicidade encontrada no trabalho das duas autoras, valores necessários à formação das crianças – cuja ressonância externa, naquele momento, era muito perto do zero – foram trazidos, ensinados e discutidos por ambas, e por isso devemos a saudabilidade ética e dos princípios básicos de diversas gerações de leitores especialmente a elas.

Há ainda Marina Colasanti, que não tem nada de Lobato em sua prosa e, de qualquer maneira, seu texto, embora remontando a temas ligados à infância, muitas vezes não alcança o pequeno leitor, pois a linguagem utilizada nem sempre é adequada para a faixa etária a que o trabalho se propõe. Em outras, é totalmente auto-referencial – o que não retira suas qualidades literárias, mas questiona seu compromisso com o mundo mágico da moderna literatura infantil propriamente dita, que pede, entre tantas outras coisas, o que hoje se chamaria de *relação interativa*.

Outros autores privilegiam o entretenimento antes de mais nada. Ou ainda seguem de perto as mudanças comportamentais e as questões contemporâneas que andam pela mídia, como as drogas, a AIDS, a gravidez adolescente e a violência, e antes falavam de eleições diretas, anistia, ecologia, terras indígenas, campanha de *impeachment* do presidente, e outros assuntos do momento, o que não deixa também de ser importante, embora temas factuais tenham atuação

efêmera, esvanecendo do painel com a mesma rapidez que seus *slogans*.

Ana Maria Machado é das poucas que pode-se dizer uma autora para crianças, pois grande parte da sua obra é acessível a leitores de muito pouca idade (embora a obra de Ruth Rocha também tenha essa característica), sem que isso comprometa em nada o nível estético do que escreve.

Já Lygia Bojunga concentra cada vez mais suas atenções nos leitores mais velhos e dirige seu foco para adolescentes.

Por isso, os trabalhos de Ana Maria proporcionam a possibilidade de serem lidos em voz alta para um pré-leitor hipnotizado, de olhos brilhando no seu próprio espaço encantado, imaginando e pedindo bis quando a leitura acaba.

É interessante notar que dos nomes aqui citados, Ana Maria Machado é a única que também escreve regularmente para adultos, tendo cinco romances publicados e diversos prêmios recebidos nessa categoria.

Pode-se dizer que ela representa um caso não apenas importante como aparentemente paradoxal: a autora que mais consegue elevar a qualidade literária ao se dirigir aos pequenos (e existe um consenso nesse aspecto) é aquela que consegue deixá-los totalmente de lado e escrever romances densos e complexos para adultos, sem misturar em nenhum momento os dois mundos, que são, na verdade, um só.

Seus numerosos livros situam-se, justamente, entre essas duas pontas das faixas etárias: de crianças em idade escolar aos adultos. Uma das hipóteses para explicar isso seria que, talvez justamente por partir da linguagem, é que ela consiga essa variedade de vozes. Como se propusesse a si mesma um desafio lingüístico diferente de cada vez e entendesse que cada livro é apenas um livro, que o mundo não vai se acabar nele e que não precisa dar conta de tudo, nem sintetizar nada.

A síntese, entretanto, está presente em cada célula do que Ana Maria Machado escreve. Talvez seja essa uma de suas características mais marcantes – a capacidade de aproximar opostos e, dessa aproximação, criar um novo que não existia antes. Um exercício prático e permanente de dialética,

capaz sempre de ver em cada tese o embrião de sua antítese, gerando por síntese uma nova tese, que vai revelar sua antítese, e assim vertiginosamente, *ad infinitum*.

Desde suas primeiras histórias publicadas, em 1969, na revista *Recreio*, essa tendência já estava esboçada – e ao alcance de crianças bem pequenas, considerando que a revista se dirigia a leitores recém-alfabetizados ou ainda analfabetos. Na sua estréia, por exemplo, numa história como *Quenco, o Pato\**, os recursos narrativos da tradição popular (como enumeração, rimas, etc.) conviviam com a alusão literária e culta embora velada (o patinho com medo da água prefere ler *O Patinho Feio* e *Pedro e o Lobo*, mencionados apenas por meio de seus personagens-patos). A síntese dessa atitude eminentemente literária pode ser vista num jogo de palavras, quando o pintinho-goleiro engole um frango\*\*. Em *Dorotéia, a Centopéia*, o médico que vem atender a protagonista é o famoso Doutor Caracol, parente do Doutor Caramujo\*\*\*, médico mais famoso ainda. *Jeca, o Tatu*, também homenageia Lobato pela alusão a um dos seus mais conhecidos personagens, Jeca Tatu, o caipira à margem da sociedade assistindo ao desfile da História do Brasil. Em *Meu reino por um cavalo*, as palavras mágicas que desencadeiam o clímax da história são justamente essas que dão título ao livro e vêm de Shakespeare, Ricardo III. Em *A velha misteriosa*, escrito durante a caça às bruxas da ditadura brasileira, com tudo o que essa expressão traz de ecos de Arthur Miller e seu *As feiticeiras de Salém\*\*\*\**, a autora se dedica a seu primeiro exercício de defesa das bruxas, desmontando peça por peça as acusações que lhes são feitas – tendência que de vez em quando reaparece na sua obra. Em *A maravilhosa aventura de Maria Fumaça e Um pra lá, um pra cá*, o diálogo é com versos do poeta Manuel Bandeira. Em *Beto, o Carneiro*, conto que parte da alusão a uma cantiga de roda do folclore brasileiro \*\*\*\*\*, imediatamente se instala a questão da singularidade de cada um ao se anunciar com um neologismo que o personagem era “um carneirinho cansado de carneirice”.

Analogamente, a Nita, de *Bento-que-bento-é-o-frade*, seu primeiro livro mais lon-

go, também farta de tanto mandonismo, surge em cena em pleno jogo tradicional para se recusar a “fazer tudo o que seu mestre mandar”, e após percurso inteiro por uma das aventuras mais tradicionais de Pedro Malasartes, numa história dentro da história, acaba por instaurar um delirante espaço novo, de personagens imaginários e liberdade plena, onde o único limite aceito é aquele acertado de comum acordo pelo grupo, através da incorporação da liberdade do outro.

A liberdade do outro, aliás, é tema que se faz freqüente no trabalho de Ana Maria, através de histórias as mais diversas e para as mais diversas idades, sob formas também múltiplas.

Em *Menina Bonita do laço de fita*, a origem dos negros brasileiros, sua beleza e sua cultura, a miscigenação através de um coelhinho branco que se casa com uma coelhinha preta. Mais uma vez, a presença da multi-racialidade, a mistura, o respeitar a diferença do outro – assunto que a autora conhece tão bem, pois teve que respeitar as diferenças de dez irmãos.

Em *De olho nas penas*, o pequeno leitor toma contato, provavelmente pela primeira vez, com o drama das crianças e dos adultos exilados de seus próprios países, e até de outros, por motivos políticos, mudando sempre de amigos, de escola, de cidade, de endereço, de referenciais, num desassossego sem fim. Para não perder a oportunidade e manter seu caminho literário já muito bem definido – no qual não comete o erro de tratar a linguagem literária infantil com menos apuro e cuidado que a linguagem literária para adultos, muito pelo contrário – Ana Maria transmite, a cada mudança de país e continente dos personagens em questão, mistérios, lendas e informações culturais importantes sobre eles (a multiculturalidade é outra presença constante em seu trabalho), sempre abraçada a uma fantasia vigorosa, outra das suas principais marcas literárias.

Em *Do outro lado tem segredos*, outra vez a África, parte fundamental das nossas origens, o pequeno pescador querendo saber os mistérios existente por baixo da linha que separa o céu do oceano. O lado *de cá* do lado

\* Hoje, livro publicado pela Editora Salamandra.

\*\* Em português, “frango não é apenas um galo novo, mas, no futebol, uma bola que poderia ter sido defendida pelo goleiro, mas vira um gol.

\*\*\* Personagem de Monteiro Lobato.

\*\*\*\* Em inglês, *The Crucible*.

\*\*\*\*\* Na revista, o título original era *Carneirinho, Carneirão*, o mesmo da cantiga que sucessivamente ordena/ordenava: “Manda El-Rei Nosso Senhor/Para todos se sentar (se ajoelhar, se deitar, se levantar, etc).”

de lá. O mar. A imensidão do mar sempre presente nos seus livros, infantis ou adultos, seus mistérios, as lendas, os sonhos e medos, pois que pertencente a seus próprios referenciais, tendo passado boa parte da sua infância e adolescência no litoral do Espírito Santo.

Em um dos livros mais perfeitos da literatura infanto-juvenil contemporânea, *Bisa Bia, Bisa Bel*, Ana Maria Machado mergulha – levando com ela o leitor de qualquer idade – numa rara viagem ao universo feminino, ao resgate da história de cada um de nós, ao trançar dos fios que tecem nossas heranças genética e cultural, das diferentes vontades masculinas e femininas presentes numa só pessoa, o velho princípio *yin/yang* dos orientais. Fala ainda com mágica precisão do universo feminino evoluído e modificado em três gerações, da cumplicidade generosa que marca as relações afetivas femininas, especialmente as interfamiliares. Nele, fala para o feminino *latu sensu*, sem idade, raça ou religião, buscando e encontrando eco no seu discurso intenso, que estabelece de imediato uma cumplicidade que o preconceito e a sabedoria popular costumam chamar de *coisa de mulher*.

Em *História meio ao contrário*, livro aparentemente seguidor da vertente do conto popular, com seus príncipes, princesas, reis, rainhas, dragões e gigantes, o leitor é levado a uma discussão quase antropológica sobre os antepassados – recurso desconcertante que faz pensar na discussão sobre o aborto com que se inicia *Peter Pan* ou nas reflexões críticas sobre a escola com que Alice inicia suas aventuras enquanto mergulha para o País das Maravilhas. Retomada logo a história, as peripécias prosseguem sem interrupções. Mas o leitor letrado e lido irá pescando aqui e ali, por todo o texto, as alusões à criação mítica de um país perfeito feita pelos poetas do romantismo brasileiro, como Casimiro de Abreu, Gonçalves Dias e muitos outros, além dos versos do Hino Nacional Brasileiro. Também em *Praga de unicórnio*, a incorporação do maravilhoso cotidiano detona uma situação reveladora do potencial libertário da imaginação frente ao autoritarismo, por meio de um animal mitológico que tira toda a sua força narrativa do fato de, comprovadamente, não existir. Mais tarde, e para outra faixa etária, em *Uma vontade louca*, uma de suas obras-primas, a autora irá explorar as possibilidades simbólicas do unicórnio frente a outro mito moderno (como diria Roland Barthes, com

quem fez sua tese de doutorado, em Paris), muito popular entre crianças e jovens – o do dinossauro.

Exemplos não faltam. Se examinarmos de perto as diversas histórias em que a autora parte diretamente do folclore, seja para recontá-lo (*Pimenta no cocuruto*, *A galinha que criava um ratinho* ou *Maria Sapeba*) ou para recriá-lo (*O barbeiro e o coronel* ou *História de jabuti sabido com macaco metido*), veremos a força com que uma consciência crítica contemporânea e erudita se mantém latente ao longo da narrativa, freqüentemente por meio de ironias recônditas que fazem o contraponto do ato de contar.

Na vertente oposta – a da escrita que não deriva da oralidade, mas da biblioteca (importante anotar que a autora se criou com histórias contadas por uma avó analfabeta para depois se embrenhar na erudição) –, podemos lembrar *O menino que espiava pra dentro* ou *Amigos secretos* que, em níveis diversos, tratam da imersão do leitor no universo da leitura, a tal ponto que se torna indistinto o que caracteriza o mundo de fora ou o de dentro. No entanto, em qualquer dos casos, o leitor que não leu mais nada – não percebendo, pois, essas alusões – não fica prejudicado. Pelo contrário, está bem servido com histórias interessantes e divertidas, personagens com quem pode se identificar ou em quem pode se projetar, situações onde é chamado a tomar partido, se posicionar diante delas. Com a garantia de ser envolvido por uma linguagem capaz de operar maravilhas ao brincar com as palavras – como demonstra o poema *Um avião e uma viola*, que provoca fascínio em todas as idades. Ou capaz também de construir intrincados jogos de armar, de brincar com estruturas narrativas – como algumas das suas novelas para adolescentes vêm demonstrando, ao enveredar pelo terreno movediço da mudança de focos narrativos (*Isso ninguém me tira*, *Tudo ao mesmo tempo agora*, *Mistérios do Mar Oceano*) ou da discussão do próprio fazer literário (*Uma vontade louca*, *O canto da praça*).

Enfim, essas coisas que os críticos costumam chamar de *metalinguagem*. Nas mãos de Ana Maria, um brinquedo pra lá de divertido, mas, nunca, inconseqüente. Pelo contrário, plenamente amparado numa tradição que vem de Fielding e seu *Tom Jones*, de Sterne e seu *Tristram Shandy* e, sobretudo, de Machado de Assis. Só que isso não é preciso saber e, para se gostar de um livro seu, esse *desconhecimento* não faz a menor falta.

Aqueles mais aparelhados intelectu-

almente, encontrarão nos diversos livros da autora muitos e variados exemplos da intertextualidade permanente que caracteriza sua obra, sempre dialogando com outros contadores de histórias – populares ou eruditíssimos. E, nesse diálogo, claro, operando sínteses.

As mais variadas. Sínteses entre a realidade e a imaginação, entre a razão e a emoção, entre a consciência e a intuição, entre as várias gerações – de que é testemunho *Raul da ferrugem azul*, um dos muitos livros da autora em que criança e velho se encontram para procurar um caminho novo, nunca explicitamente fácil, sempre um mistério tecido em ambigüidade verbal, pedindo para ser decifrado de maneira divertida, da qual o leitor sai sempre com a sensação de que não apenas ganhou muita coisa com o jogo da leitura, como reconhece na autora uma espécie de cúmplice – o que é a mais pura verdade, especialmente em se tratando dos pré-adolescentes e adolescentes, já que seus livros falam de seus medos, dúvidas, anseios e delírios.

“A gente tem a impressão de que a conhece há anos. É feito uma amiga que a gente tem ou quer ter, ainda mais se a gente leu seus livros desde pequena, como é o meu caso”, definiu uma leitora de 14 anos.

Os livros de Ana Maria Machado permitem leituras múltiplas, sem que nenhuma atrapalhe o encanto da primeira leitura. Depois dela, é que ocorre o processo registrado pela própria autora e descrito por um menino de 9 anos: o leitor descobre que o texto tem *submundos* e é mágico, porque “quando a gente cresce, o livro também cresce.” ■

---

MARCIA DE ALMEIDA é carioca, jornalista e escritora. Autora dos livros de contos *Fios y navios* e *Sob o signo da chuva*, e do romance *Casulo das águas*, acaba de terminar o romance *Meu coração não está mais aqui* e trabalha no livro-reportagem *Diário sem bordas – pequenas histórias do pós-comunismo*, sobre o leste europeu e os Balcãs, onde morou e cobriu a guerra da Bósnia-Herzegovina, como correspondente.

# ENTREVISTA DA FNLIJ COM ANA MARIA MACHADO

Entrevistada por Nínia Parreiras – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil

Conversar com Ana Maria Machado é descobrir uma pessoa apaixonada pela palavra, pelas pessoas, pela escrita...

Sua obra para crianças, jovens e adultos fala dos sentimentos e verdades mais interiores de cada ser, revelando uma aliança muito forte entre linguagem e desejo. Com os olhos voltados para as questões políticas e sociais da atualidade, seus personagens habitam o real e o imaginário, como territórios muito próximos da alma humana. E suas palavras não se esgotam com as vírgulas e pontos finais, elas se firmam como representações de muitas leituras, a serem lidas e relidas, com um novo olhar.

**FNLIJ - Você é uma autora de livros para crianças e jovens, e também para adultos. Como foi começar a escrever e publicar? Tinha um público alvo?**

Ana - No começo, foram processos diferentes, com públicos muito claros. Eu escrevia para adultos, como jornalista do *Correio da Manhã*. Paralelamente, em 1968 e 1969 dava aulas na universidade e, após escrever minha primeira dissertação de pós-graduação sobre Garcia Lorca (evidentemente para adultos), comecei a escrever a tese de doutorado sobre Guimarães Rosa - que acabou sendo meu primeiro livro publicado, em 1976, com o título *Recado do Nome*. Paralelamente, em 1968, fui convidada a escrever histórias infantis numa revista nova que estava sendo criada em São Paulo, a "Recreio". Claro que eu sabia que o público-alvo era diferente. Mas também em 1976, depois de anos escrevendo para a revista (e fazendo crítica de teatro infantil, na imprensa para adultos), tive vontade de escrever uma peça para crianças - "No País dos Prequetés". Ia mandar para um concurso, mas me convidaram para fazer parte do júri, e não mandei. Em vez disso, como a Editora Abril, que publicava "Recreio", resolveu publicar livros e me pediu um texto longo, transformei a peça numa novela - *Bento-que-bento-é-o-frade* - meu primeiro livro infantil. Aí me animei, e fui escrevendo várias coisas que eu mesma não sabia para que idade eram. E até hoje não tenho certeza, de muitas delas. Mas em 78, quando comecei a escrever *Alice, Ulisses* (publicado em 1983), eu sabia que era para adultos - pelo tema, pela densidade das alusões literárias, pela linguagem.

**FNLIJ - Você já se dedicou à pintura, ao jornalismo, ao rádio. Em *Ana & Ruth - 25 anos de literatura*, você afirma que quando deixou a pintura "compreendi que minha maldição era outra: perceber o mundo através da doença da linguagem, dos sintomas da palavra". Fale sobre essa transição da linguagem pictórica para a escrita.**

Ana - Não foi exatamente uma transição de uma para outra. Quando eu me considerava uma pintora, sabia que também escrevia, sempre tinha gostado de livros. E até hoje continuo pintando, com regularidade. Então eu não passei

de uma para outra, só mudei a ênfase. Mas acho que essa mudança tem a ver com a forma com que encaro a pintura. Gosto dos problemas plásticos, visuais, pictóricos mesmo, que a pintura me oferece como desafio - e que devem ser enfrentados com buscas de soluções de cor, espaço, composição, textura, pincelada... Mas cada vez mais, sobretudo no início dos anos 70, isso foi perdendo a importância para a cena das artes plásticas contemporâneas, caminhando a passos largos para uma arte mais conceitual, que precisava de conceitos e palavras para só ser explicada e atingir plenamente seus objetivos. Os quadros foram saindo do suporte da tela, se transformando em instalações, performances e outras manifestações, que exigiam uma verbalização complementar. Só existiam integralmente quando acompanhadas por um texto, nem que fosse apenas um título. Como pintora, eu não conseguia sentir falta de palavras para pintar. Compreendi que estava ultrapassada, era uma estranha no ninho daquela vanguarda, eu não tinha nada a acrescentar 'aquela busca de linguagem, principalmente porque não sentia sua necessidade. Por outro lado, se era para usar palavras e desenvolver conceitos - que isso, sim, me parecia muito interessante - eu percebia que tinha condições de fazer isso com uma certa competência, bem 'a vontade, sem precisar de fingir que era pintura, e assumindo de uma vez por todas que o que estava fazendo era escrever.

**FNLIJ - E hoje, como se divide entre escritora e tradutora? Foi uma opção?**

Ana - Escrevo de manhã, traduzo ou escrevo artigos de tarde. Mais que duas horas diferentes do dia, para mim, são duas atitudes. A primeira, ainda vindo dos reinos silenciosos do inconsciente ao acordar, significa uma imersão na criação espontânea. A segunda, um trabalho racional. Foi uma opção, sim. A de conseguir viver de meu trabalho, sem depender de ninguém que me sustente, podendo cantar com Chico Buarque: "hoje eu sou sem compromisso, sem relógio e sem patrão".

**FNLIJ - Seus livros estão traduzidos em vários países, principalmente aqui na América Latina e na Espanha. Como ficam os valores mais regionais, explorados por você nos textos, no caso dessas traduções?**

Ana - Não sei bem. Toda tradução sempre perde muita coisa, por melhor que seja. Mas quando é boa, pode ganhar outras, por ser uma recriação. Alguns dos autores que mais me fascinaram na vida (de Cervantes a García Marquez, de Shakespeare a Camus) tinham valores regionais muito fortes, mas nem por isso deixavam de ser universais.

**FNLIJ - Quando você começou a traduzir? Foi motivada por alguma exploração?**

Ana - Comecei com 13 anos, traduzindo penosamente à mão, num caderno grosso, um *Robin Hood* da biblioteca da Cultura Inglesa, para que meus irmãos pudessem ler - e depois toda a turma da rua. Era um livro bom demais para que não pudesse comentar com ninguém. Acho que essa é a minha primeira motivação de traduzir - compartilhar paixões lidas. Em seguida, vieram dois outros fatores. O primeiro foi a possibilidade de ser dona dos meus horários de trabalho, pois comecei a traduzir regularmente em 1967, quando nasceu meu filho Rodrigo e resolvi ficar em casa com ele o máximo de tempo que pudesse, amamentando e lambendo a cria. Nesse ano traduzi para a Tempo Brasileiro um ensaio sobre o Negro na Literatura Brasileira e para a Bloch um Manual de Sociologia de umas 600 páginas, um excelente livro sobre teatro americano e dois romances de Saul Bellow. Desde então, administro as traduções de acordo com minhas disponibilidades de tempo e necessidades de bolso. O segundo fator eu fui descobrindo depois: traduzir livro bom é um excelente exercício de redação, utilíssimo para qualquer escritor, tão precioso quanto as escalas para um músico ou a ginástica para um atleta.

**FNLIJ - Você tem preferência por traduzir algum escritor? Prefere o inglês, o francês, o espanhol? Costuma selecionar as obras, interferindo na edição brasileira?**

Ana - Só quero que seja um bom escritor. Acho que não tenho preferência de língua, talvez o inglês, por ter vivido mais tempo imersa nesse idioma... Raramente posso selecionar as obras e interferir nas edições brasileiras, mas já fiz isso para a Salamandra (no caso de *Linéia no Jardim de Monet*, por exemplo) e acabo de planejar uma

coleção completa de livros traduzidos para a Moderna, que estão um primor. Alguns deles, eu traduzi.

**FNLIJ- Como você vê o papel da literatura infantil e juvenil na formação de leitores, nos países da América Latina, onde a leitura ainda está sendo consolidada como um valor maior e se tornando acessível a todos?**

**Ana -** Em minha opinião, ela é essencial, para dar às pessoas a possibilidade de compartilhar de uma herança humana universal, da qual sistematicamente grandes parcelas de nossa população vêm sendo mantida à parte - o que facilita sua dominação. Gosto de acreditar que crianças acostumadas a ler vão buscar garantir o acesso ao livro quando crescerem e podem ajudar a consolidar a democracia, por se acostumarem a conviver com opiniões divergentes e a conhecer vidas que escolheram caminhos diversos, mesmo que sejam vidas de personagens. Mas isso, se estiverem lendo literatura. Se estiverem só tendo conhecimento de livros-brinquedos descartáveis, não acho que faz muita diferença se lêem ou não. Não creio que a leitura seja um valor em si. O que vale é aquilo que é lido.

**FNLIJ- Na sua opinião, qual deveria ser a função da escola e da universidade neste processo de valorização da leitura?**

**Ana -** Informar e formar. Ou seja, mostrar como se lê direito, criticamente e fazendo pensar. Mas também botar o aluno em contato com o que é bom, ajudando a estabelecer seus padrões de qualidade com conhecimento de causa. Uma escola que manda ler um livro bobinho por demagogia ou modismo, só porque é disso que eles gostam, está desperdiçando uma oportunidade de revelar a extensão e profundidade do conhecimento e da beleza que se esconde nos livros. Está privando os alunos de um direito que eles têm - o de entrar em contato com o melhor que a humanidade vem produzindo há séculos com a palavra. Acho meio preocupante ver quanta gente hoje em dia estuda anos e sai da universidade sem nunca na vida ter lido um autor bom de verdade - como Machado de Assis, Drummond ou Guimarães Rosa, no Brasil. Sem nunca ter adquirido condições próprias de sair pela vida descobrindo quais vão ser seus autores eleitos, com quem tem afinidade e vai crescer. Alguma coisa está errada com isso.

**FNLIJ- Qual sua relação com a crítica literária? Você acha que a crítica no Brasil forma leitores ou serve de apoio aos educadores?**

**Ana -** A relação de um autor com a crítica deve ser de leitura silenciosa. Apenas. Intimamente, pode haver casos em que se reconhece que um toque crítico foi válido e importante, ou que determinada crítica não merece respeito algum. Mas isso apenas meu diário sabe - e talvez algum amigo mais próximo.

No Brasil, cada vez mais, a crítica se refugiou nas universidades. Na imprensa, foi substituída pelas resenhas, que fazem questão de não emitir opinião. Ou, quando o fazem, raramente a fundamentam - até porque o espaço é pouco e o pagamento, idem. E não há debate, não há tempo, tudo é muito novidadeiro e ligado ao mercado. Nas universidades, é possível se afastar do comercial, aprofundar mais e buscar certas permanências culturais, levantar questões mais complexas. Pena que, infelizmente, em muitos casos, essa crítica universitária fica muito fechada em si mesma,



falando para seus pares e esquecendo a sociedade a quem deveria se dirigir.

**FNLIJ- Você foi uma das pioneiras, no Rio de Janeiro, na criação de uma livraria voltada para o público infantil e juvenil. O que você aprendeu dessa experiência para sua carreira de escritora?**

**Ana -** Que acaba se tornando impossível tentar compatibilizar as duas coisas. Um escritor é um artista, tem que ser livre. Um livreiro é um comerciante, tem que dar sempre razão ao freguês.

**FNLIJ- Após 16 anos como livreira, você acha que as livrarias disponíveis hoje no Brasil estão preparadas para receber as crianças e jovens?**

**Ana -** Muitas delas estão, embora nas livrarias gerais muitos vendedores não estejam. As especializadas em geral são boas. E existe uma maravilhosa, das melhores que já vi em qualquer lugar do mundo, seja como espaço, acervo, qualidade dos serviços, atualização, variedade, qualificação do pessoal - a "Prazer de Ler", no Recife.

**FNLIJ- Ana, quando você vai a uma escola ou lançamento de um livro, qual é o retorno que recebe das crianças? É gratificante? E em relação aos professores?**

**Ana -** Encontrar gente é sempre bom. Encontrar leitor, melhor ainda. Então, é gratificante, sim. Mas escrever é uma atividade que exige recolhimento, imersão em si-mesmo, pouca festa e muito espiar pra dentro. Não só não depende de encontro com leitor, como muitas vezes isso pode atrapalhar - já me aconteceu de falar de um livro que estava fazendo numa escola e, em seguida, ao voltar para casa, descobrir que ele se frustrou quando saiu de mim em palavras não escritas. Nunca mais o recuperei, e até hoje lamento essa perda. Por outro lado, gosto de, de vez em quando, trocar idéias com adolescentes, crianças e professores. A questão toda está no "de vez em quando". É muito difícil limitar, cada um que chama acha que é o único.

**FNLIJ- Em *Esta força estranha - trajetória de uma autora*, você afirma: "Ser leitora e escritora é uma escolha ligada ao intenso prazer intelectual que essas atividades me dão. Escrevo porque gosto da língua portuguesa, gosto de histórias e conversas, gosto de gente com opiniões e experiências diferentes, gosto de outras vidas, outras idéias, outras emoções, gosto de pensar e de imaginar. Em todo esse processo, a leitura foi fundamental." Qual a leitura que marcou sua formação na infância?**

**Ana -** Muita coisa. Antes de tudo, a revista *O Tico-Tico* e a obra de Monteiro Lobato. Paralelamente, a coleção Biblioteca das Crianças, da Melhoramentos, com contos de Grimm e Andersen. E uns livros da Editora Quaresma, *Contos da Carochinha*, *Contos do Arco-da-velha*, e outros. Havia também uma coleção que eu adorava, da Vecchi, uns livros grandes de capa dura, *Os mais belos contos de fadas* - franceses, poloneses, ingleses, italianos, chineses, russos, etc. Nos 18 volumes de *O Tesouro da Juventude* eu tinha acesso a viagens infinitas, de todo tipo - pela ciência, pelas artes. Outros livros, não lembro autores nem editores: *Os grandes benfeitores da Humanidade* (ilustrações de F. Acquarone), *Memórias de um Bicho Carpinteiro*. Havia também as "poesias infantis" de Olavo Bilac, a obra da Condessa de Ségur, a série de Taquara-Poca, uma coleção de Aroldo de Azevedo chamada "*Viagem através do Brasil*"... Como fui morar em Buenos Aires aos 6 anos (e fiquei dois anos), incorporei vários livros em espanhol - mais clássicos e novos autores locais, como Constancio C. Vigil e outros que esqueci. Adorando poesia, saía decorando o que encontrava - com 9 anos recitava *o Juca-Pirama*, de Gonçalves Dias, todinho. E mais Casimiro de Abreu, Castro Alves, os românticos em geral, que nem sempre eu entendia, mas me encantava com o som e as palavras. Ouvia também muitas histórias, de toda a família. E muita música, com letras variadas que me fascinavam. Marchinhas carnavalescas, fados portugueses, cantigas de roda, hinos patrióticos. Na ditadura militar, quando fui

presa, espantei meus interrogadores porque sabia cantar o Hino da Marinha, o dos Expedicionários, além do da Bandeira, o da República, o da Independência. Tudo isso foi leitura. E na adolescência, o mundo se abriu mais ainda, com todos os clássicos juvenis - de Salgari a Dumas, de Stevenson a Mark Twain.

**FNLIJ - Em 1998, completamos 50 anos de morte de Monteiro Lobato, que é considerado o Pai da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira, pelo caráter inovador de sua obra. Com tantos personagens irreverentes e uma exploração bem realizada da fantasia, você se considera uma herdeira de Lobato?**

Ana - Apenas em parte, apesar de já ser um lugar-comum a imprensa me classificar dessa forma. Reconheço minha dívida com ele, como leitora. Mas como escritora, sinceramente, não me vejo assim tão próxima. Compreendo que se fale nisso, porque ambos temos uma obra grande e de sucesso, ambos nos preocupamos com as questões sociais, políticas e filosóficas de nosso tempo, ambos percebemos a obra literária como um local adequado para a discussão de valores éticos, ambos transitamos com naturalidade entre o real e o maravilhoso, ambos nos sentimos à vontade com a irreverência e o humor, ambos estamos embebidos na nossa cultura popular. Recentemente, lendo a tese de mestrado de Ricardo Azevedo sobre os vestígios dos contos populares na literatura infantil brasileira (ainda inédita), me dei conta de como é óbvio que Azevedo tem razão e eu não sou filha de Lobato, como sempre se disse, mas apenas sua irmã. Bebemos nas mesmas fontes populares, isso sim. E como somos de épocas diferentes, eu pude também beber na fonte lobatiana além de incluir outros elementos que são puramente de minha época.

Mas temos grandes diferenças também, que raramente são assinaladas. Encaro a língua de forma diferente, creio: embora ambos valorizemos a oralidade, tenho uma proposta consciente de buscar uma fala brasileira, enquanto para ele o grande modelo era o português Camilo Castelo Branco. Além disso, cada um de meus livros se encerra em si mesmo, não volto com os personagens e o cenário em outro seguinte. Outros autores contemporâneos fazem isso, como Ziraldo com a turma do Pererê e o Menino Maluquinho, Ruth Rocha com a turma do Catapimba, Edy Lima com a série da *Vaca Voadora*, ou João Carlos Marinho com a Berenice, o Bolachão, o frade e todos os outros. Eu, não. A minha única exceção é a série Mico Maneco, que na verdade eu considero uma coleção à parte, como se fosse um livro único em fascículos. Essa recusa em me repetir parte justamente de minha atitude essencialmente criadora frente a cada obra, que se sobrepõe ao terreno mais fácil (falo de facilidade na hora de escrever), do divertimento seguro e já testado. Pessoalmente, eu me divirto mais com a dificul-

dade, inventando um mundo onde ainda não me movimente, novo a cada vez. Isso me coloca problemas de estrutura de narrativa muito diversos a cada nova instância, evitando repetir uma fórmula. Além disso, tenho fascínio pela questão do foco narrativo e da variação de vozes quando escrevo - outro problema que simplesmente não se colocava para Lobato. E acho que, basicamente, nossa principal diferença está no ponto de partida com que nos dispomos a escrever para crianças. Ele tinha um vasto, oportuníssimo e maravilhoso projeto pedagógico para o Brasil. Eu não tenho nada disso - apenas quero explorar as potencialidades da linguagem e da narrativa. Modestamente. Fazer uma brincadeira estética.

**FNLIJ - Você foi indicada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil/ FNLIJ para concorrer ao Prêmio Hans Christian Andersen de Literatura Infantil e Juvenil, em 1996, pelo conjunto de sua obra. Além disso, você já recebeu inúmeros prêmios nacionais e internacionais, e sua obra tem sido estudada no meio acadêmico, estando presente em monografias e teses de cursos de graduação e pós-graduação. Isto repercutiu na leitura de sua obra pelo público infantil e juvenil?**

Ana - Na leitura pelo público infantil e jovem, não, de jeito nenhum. Criança lê o que gosta, do jeito que gosta. Adolescente raramente "gosta" de algo - em geral, "adora" ou "detesta", é maravilhosamente intenso e superlativo. Então, se adorar minha obra, vai sair atrás de tudo meu para ler. Se me detestar, vai fugir de tudo. E não há prêmio que mude isso. Mas na circulação da obra entre os professores, na sua escolha pelos adultos entre outros livros, sim, sem dúvida, existe uma repercussão dos prêmios. É um aval, um reconhecimento, uma orientação.

**FNLIJ - No terreno de livros para adultos, os preferidos da crítica raramente são os preferidos do público e "bestseller" já virou quase um termo pejorativo. Como se explica que sua obra seja tão premiada, tão respeitada pela crítica e, ao mesmo tempo, constitua um sucesso de vendas tão grande?**

Ana - Volta e meia me perguntam isso, e eu não sei explicar direito. Mas arrisco um palpite. E começo esclarecendo que não sou apenas eu, mas vários autores brasileiros de minha geração são campeões de vendas e super premiados ao mesmo tempo, elogiadíssimos nas universidades - basta lembrar os já citados Ziraldo, Ruth Rocha, João Carlos Marinho, todos com alguns milhões de livros vendidos e algumas dezenas de prêmios e de críticas entusiasmadas.

Mas meu palpite é o seguinte: isso tem a ver com o momento em que surgimos, final dos anos 60, começo dos 70. Por um lado, nós fomos porta vozes de uma irreverência e um anti-autoritarismo que a sociedade queria expressar, e numa lingua-

gem nova. Basta lembrar como somos contemporâneos do sucesso do *Pasquim* e da imprensa nanica em geral ou da grande explosão do tropicalismo, da MPB, e dos primórdios do rock brasileiro. Mas por outro lado, tudo isso ia também constituindo um embrião daquilo que depois se revelaria como a implantação da indústria cultural no Brasil - sintomaticamente, outro fenômeno contemporâneo de nosso surgimento é o estabelecimento de uma poderosa rede nacional de televisão. Então, aconteceu uma feliz coincidência. Quando essa indústria precisou de uma produção maciça de bens culturais, para divulgar maciçamente, tendo em vista um consumo maciço (nas bancas de jornais e na rede escolar) nós estávamos justamente oferecendo uma produção nova e de qualidade. Pegamos carona no movimento, sem nem saber como ou porque. Ou, mais provavelmente, ele pegou carona em nós. Duvido que hoje em dia isso fosse possível. A massificação hoje não tem mais a ingenuidade inicial. Rejeitaria a qualidade inovadora e a irreverência e escolheria as cópias inofensivas dos modelos consagrados. Ou a mera importação do que já deu certo em outras experiências, seja no exterior (Wallys, livros-jogos, olhos-mágicos, histórias de detetives ou de terror, diários de adolescentes, dinossauros, gnomos, enfim, sempre a moda do momento), seja em outros setores da sociedade (ecologia, misticismo, autores que são estrelas em outras áreas e já trazem um nome conhecido). Mas na época, a nascente indústria cultural teve que nos engolir, porque éramos a única coisa que já havia, brotando espontaneamente como necessidade irrefreável de dizer algo debaixo da ditadura, e fazendo muito sucesso. Muito mesmo. *Recreio* vendia 250.000 exemplares por semana! Essa indústria tinha necessidade de firmar um mercado. Não podia se dar ao luxo de nos desprezar. Por isso, nós acabamos acontecendo da maneira que acontecemos. Acho que nós furamos o bloqueio desse modo, por causa dos leitores. Foram eles que nos descobriram, que espalharam entre si a boa nova de que existíamos. Foram eles que saíram loucamente comprando nossas histórias em *Recreio*, em *Bloquinho*, em *Alegria*, em *A Turma do Pererê*, exigindo que as editoras nos aproveitassem e comesçassem a nos publicar em livros. Foram eles que correram atrás dos livros pioneiros de Lygia Bojunga e de Maria Clara Machado, do João Carlos Marinho e da Edy Lima (que fez muito sucesso na época, é excelente, e às vezes não é reconhecida como merece), e acabaram por instaurar na literatura infantil esse assombroso fenômeno brasileiro, realmente único: a coincidência entre a alta qualidade de textos nacionais originais e um grande volume de vendas. ■



# DISCURSO DE RECEPÇÃO A ANA MARIA MACHADO NO PEN CLUBE

Laura Sandroni

Discurso de recepção à Ana Maria Machado no PEN Clube no dia 24 de novembro de 1999.

Senhor Presidente do PEN Clube, professor Marcos Almir Madeira, componentes da mesa. Caros amigos.

Meu primeiro encontro com Ana Maria Machado, essa grande escritora que tenho hoje o prazer e a honra de saudar, deu-se em meados dos anos 70 e sua motivação foi a Literatura para Crianças e Jovens. Naquela época eu dirigia a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, seção Brasileira do International Board on Books for Young People – IBBY e começávamos a realizar, com recursos do INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais – do saudoso Anísio Teixeira –, um projeto ambicioso e importante. Tratava-se de uma *Bibliografia Analítica da Literatura Infantil e Juvenil* publicada no Brasil entre os anos de 1965 e 1974.

Composta a equipe de leitores verificamos que nos faltava alguém que pudesse avaliar as peças de teatro infantil editadas no período. Por essa época Ana Maria mantinha, no *Jornal do Brasil*, colunas pioneiras chamadas “Criança é criança” e “Onde Levar as crianças”, nas quais examinava a produção cultural para a infância, priorizando a dramaturgia. Não a conhecia pessoalmente, e então pedi a Ana Arruda Callado, à época também redatora do *Jornal do Brasil* e amiga de longa data, que sondasse Ana Maria para saber se ela gostaria de colaborar conosco. A resposta positiva levou a um encontro que veio para ficar. Ana e a Fundação construíram juntas uma história que está longe de terminar.

Eu já acompanhava o trabalho que ela desenvolvia na rádio *Jornal do Brasil* e no jornal desde 1971, e sabia que era filha do combativo jornalista Mário Martins, mas nada sabia de sua vida anterior. Das férias anuais na Praia de Manguinhos, no Espírito Santo, a 28 Km de Vitória no sítio de seus avós maternos e que tanta influência tiveram em seus escritos, só vim a saber mais

tarde. De sua vocação para as artes plásticas, aluna de Aloísio Carvão nos cursos do Museu de Arte Moderna, só recentemente me inteirei assim como de que pensava ser geógrafa, antes de se decidir pelas letras neo-latinas.

Sabia sim que, além de jornalista, era professora de literatura brasileira na PUC onde também criou um curso de especialização em literatura infantil, o primeiro do país em nível universitário. Sabia também de seu exílio em Paris, onde lecionou português na Sorbonne e fez mestrado com orientação do semiólogo Roland Barthes na *École Pratique des Hautes Etudes*. O tema, fascinante, resultou no seu primeiro livro publicado em 1976 *O recado do nome*, estudando a importância dos nomes próprios em parte da obra de Guimarães Rosa. Antonio Houaiss, no prefácio, qualifica-o de magistral.

Mas o que eu descobri na época em que fizemos a *Bibliografia Analítica* foi a pessoa inteligente e culta, a profissional competente capaz de, em poucos livros avaliar peças para crianças com critérios e exigências que tantos só esperam da crítica referente à produção cultural para adultos. Ana, desde aquela época, já levava muito a sério as obras destinadas às crianças. Esse foi, e continua sendo, nosso principal ponto em comum.

Em 1977 tive o prazer de comentar seu primeiro livro para crianças publicado na Coleção Livros de Recreio, uma referência à revista na qual colaborava desde 1969 instada por sua cunhada e amiga, a também escritora Ruth Rocha. Chamava-se *Bento-que-bento-é-o-frade* e sobre ele escrevi em *O Globo* onde tinha uma coluna semanal:

“Numa época em que pensar criticamente, discordar da opinião dominante ou ter idéias próprias não são atitudes muito comuns e nem mesmo vistas com bons olhos, alguns autores de livros para crianças, conscientes de sua responsabilidade, criam histórias nas quais os protagonistas assumem atitudes de rebeldia ante a passividade reinante. Ana Maria Machado, com este seu

primeiro livro, se situa entre eles”.

Mais adiante observava:

“O que mais atrai na narrativa de Ana Maria é a importância dada às palavras. Nesse ponto ela e sua heroína Nita se identificam plenamente. Ambas se deleitam em descobrir nelas seus diferentes significados fazendo o leitor participar desse interessante jogo. O uso da rima é fator de enriquecimento do texto tornando-o adequado também para a leitura em voz alta”.

Em 1977 Ana ganha um importante Prêmio, o *João de Barro*, da prefeitura de Belo Horizonte, com um dos textos mais marcantes no conjunto de sua obra, publicado no ano seguinte: *História meio ao contrário*. O enredo se baseia numa idéia simples: tomar os elementos do conto tradicional e virá-los de cabeça para baixo. Assim a história começa com o indefectível “casaram-se e viveram felizes para sempre” e acaba com “era uma vez”. Sua linguagem é coloquial e inventiva. Usando-a para sublinhar a ironia subjacente ou tornando-a poética quando assim o exige a trama, a autora maneja-a sempre como ferramenta que, ao mesmo tempo é em si, um produto trabalhado. E que ao lado do que expõe claramente propõe mil e uma interpretações ao leitor. Depois de publicado o livro recebeu o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro, um dos mais importantes da área.

No ano seguinte Ana Maria inspira-se nas raízes do folclore, uma constante em sua obra, e escreve o conto *O menino Pedro e seu boi voador*, para a revista *Ficção* em seu número dedicado à infância, publicado em livro, logo depois. Numa linguagem rica e poética em que a rima acentua os aspectos e possibilidades lúdicas do discurso, Ana Maria se aproxima do mundo da infância e faz com que a fantasia se corporifique trazendo para dentro da casa na hora do almoço, o próprio boi voador, para espanto da família reunida. É a valorização do imaginário, o resgate da infância como um dado importante e iluminador da realidade, seja ela da criança ou do adulto.

Em *Raul da ferrugem azul*, de 1980, considerado “O Melhor para a Criança” pelo júri da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Ana aborda um tema muito adequado a um país que saía dos anos de chumbo: participar é dever de consciência de cada um. Quem não o faz enferruja. Livros como este são importantes, não só pelo prazer de ler que proporciona por sua carga lúdica, mas também por levar o leitor a refletir sobre sua responsabilidade social. E aqui não se trata do moralismo das histórias do início do século ou de uma mensagem que se quer passar, mas de uma visão humanista da vida e em especial do momento que vivíamos, transmitida de forma divertida como as crianças e também os adultos gostam.

*De olbo nas penas*, vencedor do Prêmio Casa de Las Americas de 1981, é outro ponto alto da obra de Ana Maria Machado. O tema central, o exílio visto pela ótica infantil, é oportunidade para reflexão sobre a semelhança entre os povos do terceiro mundo, irmãos em sofrimento, dominados e espoliados pelos invasores denominados eufemisticamente descobridores, pela história oficial.

Miguel, o protagonista, percorre nas asas do sonho as altas montanhas da América hispânica, os rios da floresta equatorial e as savanas da África para descobrir, que o sangue bebido por essas terras, irmana os homens através de sua história comum, sejam eles pastores ou guerreiros, índios ou negros.

O poder criativo de Ana Maria Machado se evidencia ainda mais fortemente nesse texto. Sua força poética tem um tal vigor que muitos duvidarão que se trate de literatura juvenil. Mas os jovens certamente compreendem essa linguagem em que a metáfora predomina, porque a fantasia é uma vivência a que estão habituados. *De olbo nas penas* recebeu ainda o Selo de Ouro da Fundação para “O Melhor Livro Infantil” de 1981, assim como o Prêmio da Associação Paulista dos Críticos de Arte – APCA.

Não poderia deixar de mencionar o livro que muitos consideram a obra prima de Ana Maria *Bisa Bia, Bisa Bel*. Vencedor do concurso patrocinado pelo Banco Crefisul em 81, foi publicado em 82 e recebeu os

prêmios Jabuti, APCA e o da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, daquele ano. Mais tarde em 1984 ganhou ainda um prêmio especial da Bienal de São Paulo.

Nele ela demonstra que ser humano é o que foram seus antepassados, mas em cada um reside a esperança de mudança das coisas que moldarão o futuro. Este tema central é desenvolvido com inteligência e sensibilidade numa linguagem em que o coloquial torna-se matéria prima do poético. Trabalhado de forma a ser compreendido por crianças e adultos numa trama que funde ação e reflexão, é um pouco a história



de cada um de nós. Nesta identificação do leitor a história atinge um alto grau de emoção. Na sua busca do passado a Autora é secundada pelo maravilhoso trabalho da ilustradora Regina Yolanda, totalmente identificado com o tema possibilitando assim a criação de um objeto-livro perfeito.

Muitos outros temas contemporâneos são tratados na imensa obra de Ana Maria Machado destinada a crianças e jovens que já soma 104 títulos dos quais 33 se encontram traduzidos para o alemão, o basco, o dinamarquês, o espanhol, o francês, o inglês, o norueguês e o sueco, tendo já vendido só no Brasil mais de seis milhões de exemplares.

A ecologia, por exemplo, com *Gente, bicho, planta* ou *Na praia ou no luar, tartaruga quer o mar* ou ainda no urbano

*Praga de unicórnio*. A questão racial principalmente em *Menina bonita do laço de fita* e em *Do outro lado tem segredos*.

As crianças bem pequenas ganharam um presente muito especial com a Coleção Mico Maneco que foi feita especialmente para quem apenas começa a se alfabetizar e na qual o traço de Claudius Ceccon é parceria fundamental.

Além de todos os prêmios recebidos no Brasil, Ana recebeu importantes lãureas internacionais entre as quais o já citado Casa de Las Américas, de Cuba com *De olbo nas penas*; o Melhor Livro Infantil Latino-americano, da Argentina, e o de Melhores livros latinos nos Estados Unidos, com *Menina bonita do laço de fita*; o Prêmio Cocori da Costa Rica por *De fora da Arca* ilustrado por Ziraldo, outra importante parceria; o Prêmio Noma do Japão com *Um avião e uma viola* lindamente ilustrado por Gian Calvi. E mais importante que todos os citados: Ana Maria Machado concorre indicada pela FNLIJ pelo conjunto de sua obra ao Prêmio Hans Christian Andersen conhecido na Europa como o pequeno Prêmio Nobel, pela importância de que se reveste em todo o mundo.

Outro aspecto importante da obra de Ana Maria é seu trabalho como tradutora. São muitos os livros traduzidos sempre com a maior competência, mas destaco sua tradução do clássico *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll considerado Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil.

Incansável, além desse trabalho voltado para a criação, Ana Maria atuou muitos anos, indicada pela Fundação, no Comitê Executivo do IBBY e no júri do Prêmio Hans Christian Andersen, do qual chegou a ser eleita presidente pela qualidade notável de sua atuação.

Em 79 nossa nova colega no PEN Clube decide experimentar na outra ponta do mercado editorial e se torna livreira, fundando com Cláudia Moraes, a livraria Malasartes, no Shopping da Gávea, um lugar encantador onde as crianças podem ser introduzidas ao mundo da leitura num ambiente adequado a elas.

Escritora consagrada, com intensa

atividade internacional na área da promoção da leitura, participante de seminários, conferencista nos mais variados pontos do mundo, (acaba de publicar *Contracorrente*, com os trabalhos que já apresentou) tradutora e livreira, Ana Maria Machado poderia descansar sobre os louros já conquistados. Mas descansar não faz parte do repertório da escritora que hoje recebemos no PEN Clube.

Acostumados com a Ana Maria autora de livros para crianças, a crítica e o público em 1983 foram surpreendidos com o vigor estilístico da prosa e a trama imaginosa do seu romance de estréia na literatura para adultos, *Alice*, *Ulisses*. Confirmando sua maestria na condução da narrativa, Ana Maria cria neste romance, nas palavras de Fernando Py, uma ficção em que “há todo um jogo de subentendidos, alusões subliminares e reflexos de espelho, palavras mais sugeridas que pronunciadas ou escritas, fugas e regressos, o eterno retorno cíclico do amor e do desejo sexual.”

E as palavras, sim, as palavras, e os nomes, sim os nomes, as lições aprendidas de Guimarães Rosa e tão bem expostas no seu *Recado do nome* surgindo no primeiro parágrafo do romance: “*Aliciada*, ela foi, vá lá. Mas porque quis, das delícias ao suplício. Vai ver que achou que tinha *alicerce*. E tanto tinha que não perdeu a lucidez, nem mesmo na alegria inicial do cio, por mais variadas que tenham sido os desvairados desvãos e os deslizantes desvios.” *Alice*, de Carroll, *Ulisses* e *Circe* de Homero, os nomes ecoando numa paráfrase de Joyce e Rosa, deslizando e desviando-se em pleno século XX, no Rio de Janeiro.

*Aliciada* para a literatura destinada aos adultos, e baseada em firmes alicerces do seu talento e disposição para o trabalho, em 1988 ela publica *Tropical sol da liberdade*, uma espécie de acerto de contas com os anos de chumbo vividos pelo país no pós 64, época em que a juventude brasileira mobilizou-se na luta contra a ditadura militar. Luta que ela e seus irmãos acompanharam de perto e dela participaram, não fossem filhos de Mário Martins, e que ela narra em prosa concisa, mas plena de emoção. Em suas páginas estão as esperanças e

o entusiasmo, as decepções e as desventuras dos que se engajaram em busca de um país mais justo, dos que foram sacrificados e dos que sobreviveram, estes marcados para o resto de suas vidas. E no fim, depois de tudo o que aconteceu, narrado em texto de alta qualidade literária, ainda restou a esperança, no derradeiro parágrafo do livro: “Deu as costas para a casa, sólida e ensolarada. Pendurou a sacola no ombro e, marcando ligeiramente, caminhou em direção ao automóvel que a levaria ao aeroporto. Tão simples, tão fácil, o coração continua, *cutum-cutum-cutum*, é só a gente ver onde pisa, *cutum-cutum-cutum*, e saber aonde quer chegar.”

Ana Maria Machado sabe onde quer chegar. No seu romance seguinte, *Canteiros de Saturno*, publicado em 1991, a vida das personagens se entrelaça num labirinto em que o tempo marca às vezes soturnamente ( Saturno soturno ) enquanto o deus Cronos / Saturno aos poucos vai devorando seus filhos na voragem dos anos. O enredo tem como pano de fundo as duas últimas décadas da história do país, com seus movimentos interferindo na vida de cada um, exigindo de cada um reações que envolvem a ética e a paixão, a renúncia e a ação, que conforma o drama humano. Seu romance seguinte, *Aos quatro ventos*, recebeu o prêmio Otávio de Faria, da União Brasileira de Escritores de 1994 e naquele mesmo ano foi finalista do Prêmio Jabuti. Também em 1994 ela recebe o prêmio Adolfo Aizen, da mesma UBE, pelo conjunto de obra.

Em 1995 Ana Maria Machado publica *O mar nunca transborda*, romance no qual narra ao seu modo a história de Manguezal, pequena vila de pescadores do litoral do Espírito Santo, do século XVI até os dias atuais. O contexto histórico serve de matéria de memória para a reflexão de uma jornalista que viveu em Londres e procura entender o que aconteceu desde então, do ponto de vista dos excluídos: índios e africanos, mulheres e crianças.

*A audácia dessa mulher*, publicado este ano, entrelaça três narrativas, em tempos diferentes, mas que se ligam pelo trabalho comum dos protagonistas: a recriação de uma história do século passado para uma novela de televisão. Nos dois livros, o mes-

mo estilo seguro, e a enorme imaginação na tessitura da trama intrincada e densa, na criação de personagens vivos, contemporâneos, consentâneos com o nosso tempo, filhos literários do talento de uma mulher inteligente e culta que assim se define:

“Tenho em mim uma mistura muito esquisita, misto de rebeldia meio arrogante e petulante, com uma certa sensibilidade deslumbrada. Sou exatamente uma mulher na encruzilhada, nesse momento em que qualquer caminho consciente é novo, inventado na hora. Isso me fascina. Não gostaria de ter nascido em outra época”.

Por ter nascido nesta época, na epígrafe do capítulo VII do romance *Tropical sol da liberdade*, Ana Maria Machado cita um verso de Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro: *Você corta um verso / eu escrevo outro / você me prende vivo / e eu escapo morto / de repente olha eu de novo / perturbando a paz / exigindo o troco /*

É assim que eu a vejo, hoje, ao ingressar no PEN Clube. É assim que gostaria de ver todos os escritores brasileiros, pois esta é a parte que nos cabe arar neste latifúndio literário. *Se cortam um verso, escrevo outro. E, de repente, olha eu de novo;* e eu não estou só, pois somos legião. Incomodando o conforto dos bem pensantes. E sempre exigindo o troco do reconhecimento da condição de recriadores do nosso imaginário e de consciência moral do Brasil.

É essa mulher completa, perturbadora da paz e transgressora da ordem injusta, indignada e insatisfeita com os erros do mundo, como devem ser todos os escritores dignos desse nome, e cuja obra admirável já havia sido estudada, até 1995, em seis dissertações de mestrado em universidades brasileiras e uma na Universidade de Berlim, que eu conclamo os sócios do PEN Clube a receberem hoje com orgulho e admiração. Ana Maria, esta é a sua casa. ■

---


LAURA SANDRONI: Membro do Conselho Diretor da FNLIJ e Membro do PEN Clube.

A PricewaterhouseCoopers entende que não há formação de jovens talentos sem leitura infantil e juvenil de qualidade.

Vivemos, há 150 anos, de nossos jovens talentos. Dependemos, portanto, cada vez mais, da boa literatura infanto-juvenil.

Parabéns, Ana Maria Machado.

Aliás, parabéns e muito obrigado!!

PRICEWATERHOUSECOOPERS 

## MANTENEDORES DA FNLIJ

Abrelivros, Agir, Ao Livro Técnico, Ática, Atual, Ave Maria, BCD União de Editoras, Berlendis & Vertecchia, Brinque-Book, Callis, CBL, Cia. das Letrinhas, Clínica Ênio Serra, Compór, DCL, Dimensão, Ediouro, Editora do Brasil, Editora Globo, Editora Leitura, Editora 34, Encyclopaedia Britannica do Brasil, Exped, Formato, FTD, Global, Editora Globo, Gryphus, Hamburg Donneley Gráfica, José Olympio, Lê, Letras e Letras, Makron Books, Martins Fontes, Melhoramentos, Miguilim, Moderna, Nova Fronteira, Objetiva, Paulinas, PricewaterhouseCoopers, Projeto, Record, Relume-Dumará, RHJ, Rocco, Salamandra, Santa Clara, Saraiva, Scipione, Siciliano, SNEL, Thex Editora, Stúdio Nobel, Villa Rica.

### EXPEDIENTE

Fotolito e Impressão: PricewaterhouseCoopers •  
Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra • Redação: Gabriela Temer •  
Revisão: Ninfa Parreiras • Diagramação: Marcelo Ribeiro  
GESTÃO 1998-2001 • Conselho Curador: Altair Ferreira Brasil, Ana Lygia Medeiros, José Bantim Duarte, Lilia Maria Alves, Maria Antonieta Antunes Cunha, Rafael de Almeida Magalhães Conselho Diretor: Laura Sandroni, Marcos Pereira, Regina Bilac Pinto (presidente) Conselho Fiscal: Celina Rondon, Henrique Luz, Maria do Carmo Marques Pinheiro, Marcio Tavares d'Amaral, Regina Lemos, Terezinha Saraiva. Conselho Consultivo: Alfredo Weiszflog, Claudio Mendonça, Ezequiel Theodoro da Silva, Edmir Perrotti, Ferdinando Bastos de Souza, Geraldo J. Pereira, Helena Rodarte, José Raymundo Martins Romeo, Lúcia Jurema Figuerôa, Maria Alice Barroso, Maura Ribeiro Sardinha, Paulo Rocco, Propício Machado Alves, Regina Yolanda, Victor Mussumeci, Wladimir Murtinho. Secretária Geral: Elizabeth D'Angelo Serra.

Associe-se à FNLIJ e  
receba mensalmente Notícias.  
Tel.: (0XX)-21-262-9130  
e-mail: fnlij@ax.apc.org  
home page: www.fnlij.org.br

Apoio:

PRICEWATERHOUSECOOPERS 